A CENA

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

NÊSTE NÚMERO:

A estranha Lauren Bacall

«Shelley Winters disse. . .» (Reportagem especial de Hollywood)

«Tive muita sorte», falou Debbie Reynolds

Nº 13 ★ 31-3-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

A
CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

CENA nº 13, de 31/3/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

A estranha e caseira Lauren Bacall 4
«Tive muita sorte» — diz Debbie Reynolds 10
Os grandes atores: Gerard Philipe 12
Shelley Winters disse: «Sabe, eu gostaria de ir ao Brasil»!» 14
Cinco temperamentos e cinco diabos 16
Rostos infantis do cinema 22

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréia — «A princesa e o plebeu» 3
De todo o mundo 5
Segredos da tela 6
Curiosidades e «close-ups» 7
Cinema brasileiro 8
Novela das imagens: «Belles de Nuit» 18
80 pré-estréias do Festival 24
Cartazes em revista 28
Rádio-Disco-novidades 30
Teatro-música 31
Página do leitor 33

A NOSSA CAPA

LAUREN BACALL
(Warners)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00


O repórter e o fotógrafo (Gregory Peck e Eddie Albert) enganam a linda princesa (Audrey Hepburn)

PRÉ-ESTRÉIA: ESTADOS UNIDOS

A PRINCESA E O PLEBEU

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

A novela de McLellan Hunter inspirou-se, evidentemente, nas circunstâncias do famoso romance da princesa Margaret. Os fatos tinham que ser diferentes mas o espírito dos motivos são os mesmos. Além disso, em diversas passagens, nota-se a eterna sátira com que o cinema de Hollywood, em geral, faz à índole britânica. Em meio do desenrolar surge uma legião de secretas que vem à procura da princesa, todos com o mesmo traje e tipicamente britânicos. Além disso, personagens e costumes falam a favor do intento de explorar o «leit-motiv» que apaixonou o mundo. Embora a direção tivesse cabido a William Wyler — especializado em dramas intensos e responsável por algumas obras-primas do cinema americano — o sentido geral é tìpicamente divertido. De sentimento, apenas os trechos finais.

Muitos, pelo fato de esperarem algo de intenso da parte de Wyler, deixaram de penetrar no sutil conteúdo do tema. Aliás, a não ser em «Sua alteza e o garção» e «A boa fada», ambas de 1935, há quase 20 anos que o grande cineasta se afastara dos entrechos leves. Entretanto, embora tôda a encantadora simplicidade da sua narrativa possa passar despercebida para aquêles que gostam de se agitar apenas em tôrno da morbidez, a película é excelente. Através da direção de Wyler, os pequenos nadas se convertem em algo de precioso. Em certos e raros momentos, as situações beiram a falsidade, por exemplo, a intervenção e derrota dos secretas naquela festa noturna, popular, ao ar livre. Ainda assim, o responsável por «Chagas de fogo», «O morro dos ventos uivantes», etc., supera as contingências. Tudo porque, através dêstes inconvenientes, o diretor livra-se do perigo porque passa à caricatura. Depois, o desenrolar soube crescer com impressionante naturalidade. Tome-se, por referência, tôdas as passagens posteriores ao momento em que a princesa e o jornalista compreendem que se apaixonaram. Pràticamente, o «climax» vive da emoção interior dos dois e tem o seu instante culminante nos vários trechos da despedida. A finura do diretor quando joga com elementos poéticos-humanos é tal que promove aquela difícil emoção de participar das mais profundas emoções das imagens. Notável a parte interpretativa. Wyler desvendou uma das mais sensíveis e delicadas «estrêlas» de todos os tempos: Audrey Hepburn. Gregory Peck sai-se muito bem, com tôda a sua linha «standard». Eddie Albert, Tullio Carminati, Margaret Rawlings, Harcourt Williams (esplêndido, no embaixador) completam o elenco. Filmado em locação, em Roma, com notável fotografia de Franz Planner e Henri Alekan. Outro ajuste de relêvo é a música de Georges Auric. Título original: «Roman Hollyday», Paramount.

JONALD



A NOSSA CAPA:

A ESTRANHA E CASEIRA LAUREN BACALL

de MARIA HELENA, exclusivo para "A CENA"

Hollywood cansou-se das carinhas bonitas. Foi quando lançou, então, a enigmática Lauren Bacall, com cabelos lisos, lábios rasos, voz aveludada e grave, olhar aparentemente frio e vazio, estranhamente sensual. Bogart viu, gostou se apaixonou e casou. Hoje, Bacall e "Boogie", como ela o chama, constituem o casal feliz de Hollywood.

Lauren nasceu em New York em 1924, portanto é ainda bem jovem. Sentiu-se desde cedo contaminada pelo micróbio do teatro, entrando para uma Academia Dramática. Após estudar Arte Dramática, não encontrou logo quem lhe desse um lugar no teatro. Assim, foi trabalhar como modêlo.

A sorte lhe sorri e estréia no palco em "Johnny two by-four" e "Franklin Street". Só em 1944, Hollywood a descobre e aparece em "Aventura na Martinica". Acontece que Bogart era o principal ator do filme. Conhecendo Lauren, sentiu-se verdadeiramente impressionado. Sendo correspondido, nasceu o romance, um sério romance. Assim, Bogart divorciou-se de sua espôsa para casar-se com Lauren Bacall!

Lauren conquistou-o completamente e Bogart tornou-se um marido modêlo. Recentemente quando lhe perguntaram o que achava das beldades Marylin Monroe e Lollobrigida, respondeu que a única mulher que para êle possuía realmente sex-appeal era sua espôsa!

Lauren quase não freqüenta: "night-clubs" e jamais é envolvida em mexericos da sociedade hollywoodinense, dividindo o seu tempo entre cinema, marido e os três filhos do casal. O esporte preferido do casal é o iatismo, e possuem um lindo iate chamado "Santana", qualquer folga que conseguem e se o bom tempo o permite, saem a passear pelas costas da Flórida. Têm uma mania muito desagradável para a vizinhança — gostam de colecionar cachorros. Lana Turner, sua vizinha, vivia reclamando que nunca podia dormir, tamanho barulho fazia a estranha coleção de Boogie e Lauren.

Seu trabalho no cinema tem sido grande, tendo-se em vista os poucos anos que decorreram desde a sua estréia em "Aventura na Martinica".

Lauren apareceu ao lado do marido em vários filmes entre os quais os mais importantes foram "À beira do abismo" e "Paixões em fúria" uma excelente realização. Apareceu em "Êxito fugaz" ao lado de Kirk Douglas, e êste foi um dos seus mais recentes e importantes trabalhos.

Agora, com a terceira dimensão, Bacall foi uma das escolhidas para estrear em 3-D e aparecerá ao lado de Marylin Monroe e Betty Grable em "Como agarrar um milionário", que fôra designado para ser exibido no Festival de Cinema do Quarto Centenário. Lauren Bacall é uma das mais interessantes atrizes de Hollywood.



Lauren Bacall e seu cão Harvey em sua residência em Beverly Hills, bairro dos «astros» de Hollywood.



Esta figura de Marte foi imaginada por Georges Pall e apareceu nas ruas de Estocolmo por ocasião do lançamento de «Guerra dos Mundos»

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para "A CENA", coordenados por L. BOLTSHALSER

POLÔNIA

Será preparada, no decurso do corrente ano, a documentação de investimento para a construção de um moderno estúdio para a produção de filmes de longa metragem em Komorowo, perto de Varsóvia. Quanto ao desenvolvimento da rêde de cinemas, além da inauguração de novas salas nas cidades, prevê-se a instalação de 180 novos cinemas permanentes, nas zonas rurais e de 12 cinemas ambulantes.

Durante 1954 os estúdios poloneses terminarão cêrca de oito filmes de longa metragem, entre os quais "O nascimento de um homem" e "O caminho de Grenada" do cineasta J. Kawalerowicz. Serão ainda iniciados doze outros filmes de longa metragem, cinco dos quais em côres, cuja estréia dar-se-ia em 1955. Por outro lado, serão realizados 49 documentários, grande parte em côres, bem como 53 filmes de divulgação, culturais, educativos e escolares.

FRANÇA

Josette Clavier e Pierre Lacotte, primeiros bailarinos da Ópera de Paris, farão sua estréia cinematográfica em "La nuit est sorcière". Mas não estarão em absoluto fora de seu elemento, de vez que se trata de um "ballet" filmado. A realização da película coube a André Tunebelle e o argumento do bailado é de André Coffan O bailado trata de uma história de sonâmbulos, com música de Sydney Bechet.

Por sentimento comum de respeito e admiração, reuniram-se os nomes de Fernandel, Maurice Chevalier e Tino Rossi no cartaz de um espetáculo de gala, destinado a levantar fundos para fazer erigir em Bandol uma estátua do notável ator francês Raimu.

A primeira projeção do filme "Le blé en herbe" teve lugar no apartamento da famosa escritora Colette, e a ela estiveram presentes os intérpretes da película, Edwige Feuillère, Pierre-Michel Beck e Nicole Berger. É que os reumatismos de Mme. Colette prenderam-na ao leito, e os produtores haviam-lhe prometido que o filme, tirado de seu romance, seria apresentado a ela antes de qualquer outra pessoa. Para isso fizeram editar, em tempo récorde, o filme em 16 mm.

ESTADOS UNIDOS

O casal de "astros" franceses Henri Vidal-Michèle Morgan anunciaram que aceitaram o convite para estrelar uma super-produção em Cinema Scope. Também a conhecida dançarina de origem russa, Sonia Avora filmará em Hollywood, sob as ordens do diretor George Kirsta.

Nas ilhas Bahamas, Walt Disney iniciou a realização de "20.000 léguas submarinas", baseada na obra de Julio Verne, tendo Kirk Douglas por principal protagonista.

Enquanto isso, Cecil De Mille prepara a refilmagem de "Os dez mandamentos", espetacular sucesso do cinema silencioso, já tendo iniciado o recrutamento de fabulosa figuração. Joan Crawford terá na película um pequeno papel.

Os arrufos e reconciilações de Ava Gardner e Frank Sinatra tiveram ótimo efeito de publicidade. Assim lançaram êles uma nova moda, que vem sendo seguida por mûitos casais de Hollywood, como Leslie Caron-George Hormel e Miriam e Gene Nelson. Heddy Lamarr, entretanto, não pretende seguir essa tendência mais ou menos generalizada, declarando que encontrou a felicidade com o quinto (!) marido, o feliz Howard Lee, um texano diretor de uma companhia petrolífera. Tanto que Heddy deixou Hollywood para ir residir em Houston, no Texas, ao lado do espóso. Agora, Hollywood, só mesmo para trabalhar, diz a bela Heddy.

INGLATERRA

Desmentindo suas anteriores declarações, de que abandonaria o cinema, Olivia de Havilland chegou a Londres onde fabuloso contrato a aguarda. Depois de suas 32 atuações no cinema, Miss De Havilland pensava em renunciar à carreira para ser inteiramente feliz, ao lado de seu novo galã, Pierre Galant. Mas ao que parece, os inglêses conseguiram seduzi-la com as vantagens oferecidas, e, depois de uma ligeira estada em Paris, a irmã de Joan Fontaine prepara-se para entrar em ação novamente.

(Continua na pág. 34)

Victor Mature faz suas gracinhas com Esther Williams, durante uma folga nos trabalhos de ambos, na Metro.





Antes da invenção de câmaras submarinas portáteis as cenas eram realizadas por intermédio de esferas metálicas como a que se vê na gravura.

SEGREDOS DA TELA

por "LONG-SHOT"
fotos de "TRUQUAGES AU CINEMA"

Freqüentemente, são vistas em cinema cenas subrarinas. As mesmas produzem efeitos maravilhosos e sempre reservam-nos momentos de grande surprêsa ora revelando-nos a estranha fauna e flora aquáticas ora movimentos de escafandristas e pescadores em buscas de tesouros ou pérolas. Estas cenas podem ser obtidas de duas maneiras. A primeira delas consiste na filmagem 'in location" por meio de esferas dentro das quais fica o operador e sua câmara. O campo a ser filmado é iluminado por possantes refletores e através das janelas de vidro da esfera são rodadas as cenas. Atualmente, entretanto, existem câmaras totalmente impermeáveis e que podem entrar em contato com a água do mar sem que isto prejudique a película a ser impressionada. Seu emprêgo é muito menos dispendioso que as esferas acima referidas tendo, ainda, as vantagens de maior facilidade de manipulação e maior proximidade do objetivo. O segundo processo consiste na tomada através de paredes de vidro das piscinas dos estúdios. Aliás, quase todos os estúdios cinematográficos dos Estados Unidos, e alguns da França, são providos dêstes reservatórios que permitem a realização de cenas submarinas.

Nos primeiros anos do cinema, quando os recursos técnicos eram ainda precários, para se obter cenas de "fundo do mar", pintava-se no chão dos estúdios um telão sôbre o qual era deitado o ator que repetia os movimentos de quem estivesse nadando. Sôbre êle eram movimentadas gazes que sugeriam ingênuamente o movimento das águas.

Tomada obtida através de uma esfera. A mulher e a criança estão no interior da mesma.





Tomadas submarinas a grandes profundidades.



Um revólver inesgotável e uma pontaria certeira, eis o mocinho!

Curiosidades e "Close-ups"

de MARIEN, exclusivo para "A CENA"

Existem no cinema muitos aspectos curiosos, coisas comuns, errôs que ficam na história cinematográfica. Absurdos que têm seus lugares reservados para cada instante. O cinema, essa arte fabulosa, já é por si só curiosa. Vejamos abaixo alguma coisa do comum na Sétima Arte.

É evidente que a distração no volante de um carro tem sérias conseqüências. No cinema, quando não está na história do filme para haver algum desastre, na maioria das vêzes o motorista conversa com pessoas ao lado, discute, acende cigarros e quando dois namorados êles beijam-se, trocam afetos e o carro continua certo na direção!

Ao ligarmos um rádio êste leva quase um minuto ou isso para poder capitar as estações. Os "Rádios Cinematográficos" ao serem ligados dão música variada ou noticiário poliical segundo pede a história!

Geralmente nos "Beijos Cinematográficos", o cavalheiro não sai com a roupa suja de pintura...

Nos filmes Capa-Espada (Na maioria drogas) as lâminas de espada ou punhal não saem tintas de sangue quando retiradas do corpo atingido. Ficam até lustrosas. Sempre as cenas são filmadas do lado contrário da vitima, onde a espada passa entre o corpo, na altura das costelas, e o braço. Pode-se ver muito disso no recente "Contra tôdas as bandeiras".

Os filmes de guerra quando mal feitos (os americanos são mestres) vêem-se coisas incríveis. As granadas de mão demoram a explodir, dando tempo ao arremessador fugir, e por que não o mocinho? Onde já se viu lutar de metralhadora de mão contra um tanque de guerra?

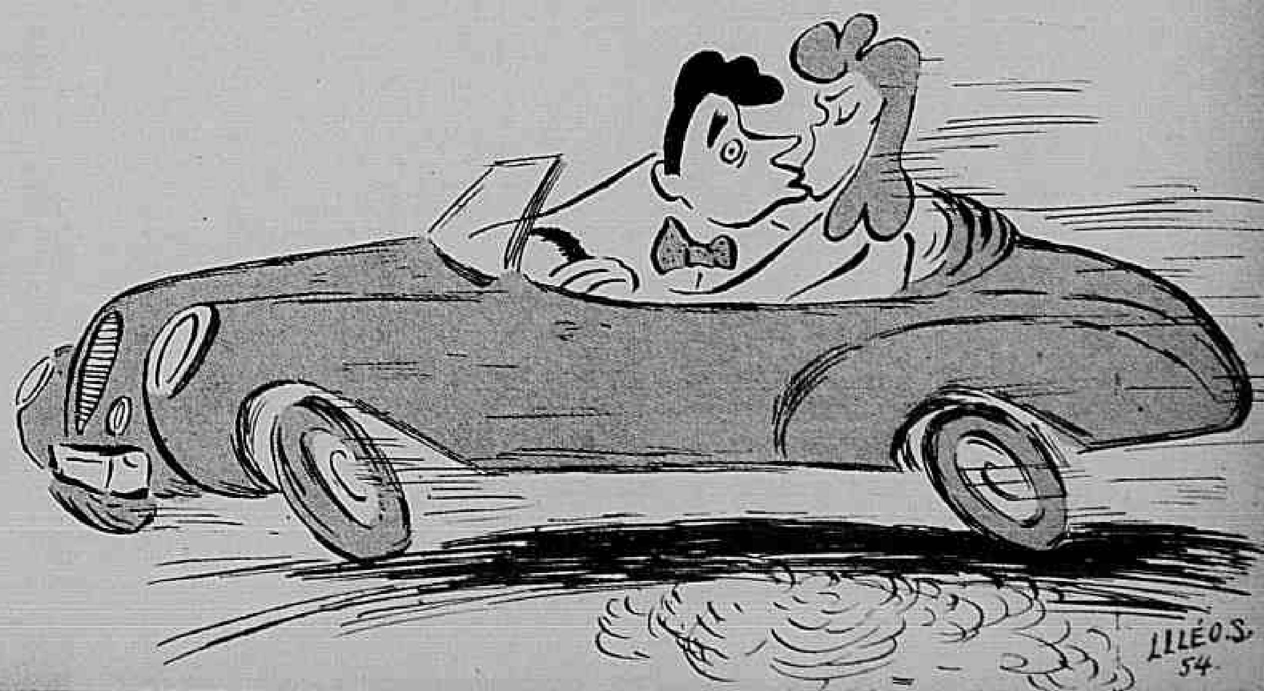
Não só nos filmes de "cow-boy" mas em muitos outros, os revólveres, fuzis ou espingardas têm uma atuação muito original. Substituem uma metralhadora à altura pois disparam dezenas de vêzes matam batalhões de homens etc. etc. Em alguns filmes a munição acaba na hora "H", para haver suspense, e que suspense!

Quase sempre as refeições têm um final irregular ou trágico. Surgem discussões, no caso do filme "A morte do caixeiro viajante" ou "Abismos do desejo", etc. A falta de apetite devido a cenas desagradáveis, como em "Por tua causa", no filme sueco "A mulher e a tentação", "Sinhá Moça" etc. O chamar do telefone por diversas causas, a tragédia de Montgomery Clift em "Um lugar ao Sol", quando foi interrompido num jantar para atender Shelley Winters!

A Igreja e seus membros também têm tido o seu lugar comum no cinema. Os templos servem de esconderijo, refúgios etc. Tanto os padres como a sua vestimenta participam nos filmes com alguma regularidade. Vejamos alguns filmes que tiveram êsses participantes: Em "A tortura do silêncio", O. E. Hasse comete um crime vestido de padre, faz a confissão ao padre Montgomery Clift (ator principal) do seu crime, e êste não o pode dizer em defesa própria porque a sua profissão não o permite. São os dois casos ao mesmo tempo. No filme brasileiro "Sinhá Moça" a capela do lugarejo onde se desenrola o filme, serve para esconderijo de escravos fugidos, tendo também o padre, tido o seu papel. Na película "O tesouro do Condor de Ouro", Cornel Wilde pode tramar a sua fuga da cidade por meio da confissão. Antohny Quinn no filme "Espírito indomável" onde faz papel de capitão do Exército, ainda por meio do ato da confissão, pode conversar com um outro intérprete, sôbre os planos de guerra, e ainda, vestido de frade anda nas ruas entre japonêses sem ser descoberto...

Ainda nos casos das refeições acima citado, vale a pena acrescentar o caso do filme 'A ponte de Warteloo". A excelente Vivien Leigh quando almoçava em um restaurante, lendo um jornal soube da morte do seu noivo Robert Taylor. No antigo "Carícia fatal" com Lon Chaney, tivemos um pequeno caso dêsse tipo. E, assim, são os lugares comuns da tela.

Já que há burros falantes porque não haver automóveis ensinados?





Ruth de Souza, a maior atriz de côr do cinema nacional é, também, um dos seus mais expressivos vultos artísticos.



Grande Otelo, o maior intérprete de côr do nosso cinema figura, também, entre os grandes atores do meio artístico.

CINEMA BRASILEIRO

OS INTÉRPRETES DE CÔR EM NOSSO CINEMA

de SANIN, exclusivo para "A CENA"

O NEGRO compõe a paisagem humana brasileira. É uma das "três raças tristes". Sua contribuição para o desenvolvimento econômico e cultural de nossa terra é fato incontestável. Hoje, como outrora, presta sua colaboração ao desenvolvimento do país erguendo e solidificando a indústria. Nossa música muito lhe deve. Nossos ouvidos ainda ressoam às cantigas de ninar entoadas pela "Mãe Preta" e as lendas contadas pelo "Pai João". O negro, não conseguiu, via de regra, galgar os degraus mais elevados da sociedade. Agrava a sua condição de analfabeto e o preconceito racial que sobreveio nos espíritos reacionários que criam uma barreira aos homens de côr. O cinema, como manifestação artística de grande alcance, não pode deixar de encarar o problema e de dar oportunidade aos intelectuais negros do Brasil de se manifestarem.

Muitos têm sido os filmes em que o negro tem aparecido. Não diríamos que tem havido uma apresentação negativa. Porém valorizam um aspecto de superfície — o exclusivamente plástico. São as cenas de macumba, frequentes em filmes brasileiros com os batedores de atabaques; são os hercúleos pescadores e carregadores que figuram no primeiro plano do quadro, a mulatinha de linhas insinuantes, etc. Isto, quando não é o motivo de chacota, lugar comum no cinema americano. Muitas vêzes os próprios atores negros se têm prestado às caçoadas à sua gente. É o desrespeito por si próprio e pelos outros e não pode êste fato ser encarado com remissão.

OS FILMES DO CINEMA NACIONAL

Houve alguns filmes bastante louváveis. Porém, não atingiram o problema com objetividade, descambando para o melodrama inconseqüente. Valem como iniciativa e afirmação da necessidade de encarar-se a questão. É o caso de "Moleque Tião", "Também somos irmãos", "Sinhá Moça", "Saci" e mais um ou outro que abordou o tema do negro com tintas de superfície episòdicamente dentro de filmes episódicos. Conclui-se que não basta abordar o problema, tor-

na-se necessário enfrentá-lo como causa econômica-social, como algo construtivo.

OS INTÉRPRETES DE CÔR

Não são poucos os atores negros em nosso cinema. Poucos são, entretanto, aquêles que dentro dêle conseguiram estabilidade. Destacamos entre todos, Ruth de Souza e Grande Otelo pela grande popularidade e valor a que atingiram.

Ruth de Souza iniciou-se no Teatro Experimental do Negro onde desempenhou vários papéis de importância. Integrou o elenco de "Os Comediantes", quando da adaptação ao palco do livro de Jorge Amado "Terras do Sem Fim". Êste romance foi levado à tela e Ruth atuou no mesmo papel. Foi muito notada e recebeu convites mais freqüentemente. Teve em "Falta alguém no manicômio", "Terra é sempre Terra". Foi aos Estados Unidos e voltou. Participou de "Sinhá Moça" onde obteve o melhor desempenho de sua carreira. Ruth triunfou. É atriz da Cia. Vera Cruz e atua na televisão.

Grande Otelo é ator de versatilidade incomparável. Talvez o único em nosso cinema que tenha atuado com dignidade em papéis cômicos sendo, também, excelente ator dramático. Vários filmes quase de encomenda têm sido feitos para o Grande Otelo. Houve tempo que era pessoa de presença obrigatória em tôdas as películas que se produzisse. Isto levou-o até a interpretações que, se bem que perfeitas são desarrazoadas dentro da sua imensa capacidade e expressividade.

Outros têm aparecido, não têm, entretanto, permanecido. Às vêzes por acidente e ficam como mito. Estão nesse caso a "Negra Felicidade" do filme "Caiçara", Paulo Matosinho que desempenhou o papel-título de "O Saci", Joca, Pérola Negra, Claudiano Filho, Benedita, Marina Gonçalves e tantos outros. Muitas são as lutas travadas nos bastidores para se conseguir um papel de maior responsabilidade. Luta onde vale quase tudo!

FALA ABDIAS NASCIMENTO

"O Cinema Brasileiro não aborda com coragem o problema dos homens de côr". Foi o que nos disse Abdias Nascimento, diretor e ator do Teatro Experimental do Negro. Êste grupo de amadores, é dos poucos que tem permanecido através dos anos. Vida incerta pois lutando denodadamente pela sobrevivência, uma chama que arde, moribunda é certo, mas que sabe ser intensa quando encontra cooperação.

Abdias apesar de ser um ator de recursos, não atuou em nenhum filme. Seu grupo, entretanto, tem sido seara de safra fértil onde se tem colhido maior parte dos valores negros do cinema e do teatro brasileiros. Seus inúmeros elementos têm participado da figuração dos filmes que precisam multidões negras e, com certa responsabilidade de desempenho. Tal foi o caso de "Vendaval Maravilhoso" direção de Leitão de Barros.

O T.E.N. amplia seus horizontes, se limitará sòmente ao teatro; o grupo fará cinema experimental, a exemplo de organizações semelhantes existentes em vários paises do mundo e, com as quais, manterá intercâmbio. Para isto enfrentará vários problemas peculiares a quem deseja fazer cinema no Brasil; o maior e mais grave é o financeiro.

— As circunstâncias históricas não têm favorecido o homem de côr, é o que nos diz Abias. O cinema tem se mantido fiel a estas absurdas tradições. O cinema se quiser abordar um problema desta natureza terá de se socorrer de argumentistas negros, os únicos capazes de sentir a autenticidade da questão. Dos filmes que abordaram o problema do homem de côr "o melhorzinho" foi "Também somos irmãos". Mesmo em "Sinhá Moça" o problema foi mutilado em todos os sentidos. Argumentos fabulosos, que se prestariam a magnífica exploração cinematográfica, têm sido desprezados para atender ao cosmopolitismo — doença da moda e que tanto nos prejudica.

Ouvimos em seguida Solano Trindade, diretor do Teatro Popular Brasileiro que tem oferecido ao público espetáculos de folclore puro, desprovido de afetações ou estilizações espetaculares em que sobrevive a autenticidade, fruto de pesquisa laboriosa. Disse-nos êle:



Abdias Nascimento, que conseguiu grandes coisas no teatro nacional, falou a «A CENA».

— A contribuição do negro à sociedade, uma contribuição autêntica tem sido relegada, como todos os problemas sérios, à um plano secundário dentro da cinematografia nacional. Esta característica não é entretanto peculiar ao cinema; as outras artes lhes são paralelas com seus francesismos, italianismos e todos os outros ismos importados. Sentimentalismo piegas não resolve problemas pois se resolvesse a situação econômica do negro seria solucionada. Da abolição para cá, o negro apenas mudou de trajes. O Teatro Popular Brasileiro não furtou sua colaboração à alguns filmes. Em "Agulha no Palheiro" de R. Stany apareceu e, em "Magia Verde", documentário italiano premiado em Cannes, tivemos oportunidade de dançar um "Candombié".

Ironides Rodrigues, crítico cinematográfico conhecido pelo seu desassombrado amor ao cinema francês não se furtou às nossas perguntas, disse-nos êle:

— Não se pode acusar o cinema brasileiro especificamente Seria uma injustiça. No cinema mundial o papel do negro tem sido o de colorir filmes. As concessões ao público prejudicam a ousadia dos empreendedores. Podemos isolar, da grande safra de filmes que utilisou negros como atores, "O Saci" como a iniciativa brasileira mais louvável e no cinema internacional reputamos "A Respeitosa" como empreendimento de maior responsabilidade e que procurol retratar mais seria e objetivament o ngro dentro da sociedade."

As três opiniões ouvidas tem pontos de contato. As três pessoas ouvidas, elementos representativos dos intelectuais negros brasileiros e conhecedores mais próximos do problema. Aqueles que desejam retratar honestamente a sociedade brasileira através de uma película não poderão deixar de situar o negro, caracterizar seus problemas e sua vida dentro da sociedade.

Cena de «Também somos irmãos», filme que abordou o tema do preconceito de côr.



TIVE MUITA SORTE

DEBBIE REYNOLDS


Conforme apareceu no 1º filme

Debbie Reynolds, essa figurinha graciosa, transbordante de juventude e de simpatia, conquistou milhares de fãs no Brasil, com apenas dois filmes seus aqui exibidos. E com ela é sempre assim: é ver e conquistar logo.

Do mesmo modo que cativou os brasileiros com sua simplicidade, quando aqui estêve, assim também, em Hollywood, é uma das "estrêlas" mais populares, justamente porque não faz pose de "estrêla".

A fama não lhe subiu à cabeça. Ela continua sendo a mesma moça agradável que era quando vivia no Texas, seu estado natal, e não sonhava com o estrelato. Debbie Reynolds quase não fêz amizade na colônia cinematográfica; suas amigas continuam sendo as velhas amigas, com quem ela conviveu no tempo de colégio. Para elas, Debbie sempre arranja um tempinho, mesmo quando está absorvida pelo trabalho em algum novo filme. Convida-as frequentemente para um mergulho em sua bela piscina, um dos poucos luxos a que se deu quando atingiu o estrelato, e ainda recentemente reuniu em uma festa sua turma de colégio, o que constitiu um verdadeiro sucesso. Não foi permitida a entrada de "estrêlas"; uma festa cordial, sem sofisticações.

A única diferença que Hollywood operou em Debbie Reynolds foi que ela se transformou numa moça. Antes era apenas uma criança, interessada em baseball e rugby, e que não suportava a idéia de despertar o interêsse em algum rapaz. Se ouvia o elogio de um dêles, sempre pensava a princípio que o rapaz se referia às suas habilidades nos esportes. Quando descobria o engano, ficava furiosa... "Vocês rapazes são todos iguais!", dizia ela, e saía pisando duro, deixando o pretendente paralisado pela surprêsa.

Hoje, quando Debbie Reynolds volta para casa depois de um dia de trabalho duro no estúdio, é sempre aguardada por um rapaz para saírem juntos. Ela não descansa, apronta-se correndo e sai, feliz, para — jantar nalgum clube elegante de Hollywood.

Debbie, com muita justiça, conquistou para si o título de "a garôta mais namoradeira da cidade". Ela deixa os cronistas sociais tontos, pois quando êles ligam o nome de Debbie ao de algum rapaz, já a irrequieta garôta aparece em companhia de outro. Debbie Reynolds já saiu com todos os astros jovens da terra do cinema: Robert Wagner, Richard Anderson, Craig Hill, Carleton Carpenter, Tab Hunter, Jeff Richards, Hugh O'Brian. Esta lista é apenas uma amostra do quanto ela dá trabalho aos mexeriqueiros.

Mas a todos êsses bonitões, Debbie Reynolds prefere a companhia de Paul Lillard e Danny Sites, dois rapazes com quem ela conviveu desde menina, e que são como irmãos para ela. Isto é bem característico da personalidade da garôta.

Numa época em que Anne Baxter oxigena o cabelo e fuma charutos, Jeanne Crain abole pràticamente o uso de blusas, e em que triunfam as estrêlas chamadas "sexy" pelos americanos, como Marilyn Monroe, Debbie Reynolds preocupa muita gente. Todos querem saber por que ela ainda masca chicletes, porque não pinta o cabelo, porque não toma atitudes provocantes. Mas Debbie sabe que seu público a quer assim mesmo, simpática e graciosa. E não muda.

Para manter-se no cinema ela prefere usar o resurso honesto do esfôrço próprio. Logo que ela percebeu que não estava sonhando, mas que o estrelato era um fato consumado, tratou de trabalhar muito, tomando lições de arte dramática, de dança e de canto. Diz ela: "Tive muita sorte em conseguir essa chance; agora trabalharei o mais que possa para justificar a confiança que o público depositou em mim".


Recebendo uma visita «dêle» no «set».

EM CONSEGUIR A MINHA "CHANCE"

E UM POUCO DE SUA CARREIRA

De LILIAM, exclusivo para A CENA

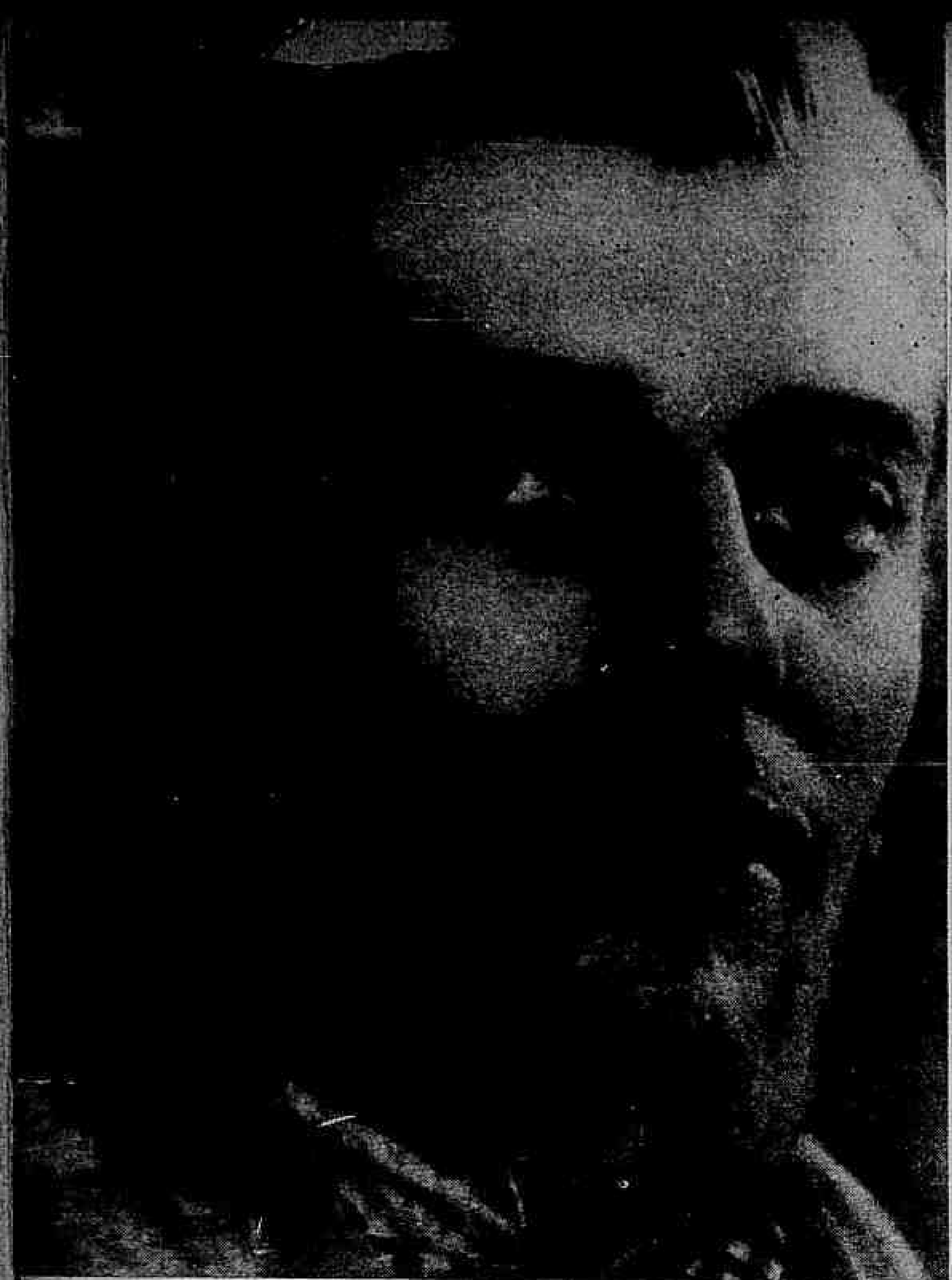


Debbie à vontade, longe dos estudios.

OS GRANDES ATORES DA TELA

GERARD PHILIPE

Por H. ANDERSEN, exclusivo para A CENA



A sua excepcional caracterização em «O idiota».

No cinema francês moderno, em substituição aos grandes nomes de antes da guerra, surgem novos valores. Entretanto, recordemos Jules Berry, que ficará eternamente lembrado como umas das grandes figuras de "Visiteurs du Soir", criando um ser sobrenatural, saído das profundezas do inferno. Houve Raimu, magnífico no "La femme du Boulanger"; um Harry Baur, valorizando com seu talento o "Carné de Baile". Isto foi ontem. Hoje, temos Gerard Philipe, que com sua atuação em "Le Diable au Corps", projetou-se na cinematografia francesa, não como apenas uma esperança mas como autêntica revelação artística, uma realidade!

Gerard Philipe, ainda jovem, tem duas qualidades a seu favor — talento e seriedade para com o seu "métier". Tal a fôrça com que anima uma figura de ficção, que esquecemos do ator exercendo sua atividade. E' justamente esta seriedade que revela a sua convicção, a sua fé. Das grandes figuras do moderno teatro francês, trabalhou com paixão para organizar com Jean Vilar o Festival Teatral de Avignon, uma espécie de prelúdio a srepresentações do Teatro Nacional Popular. Isto vem comprovar o grande entusiasmo do jovem ator para com a arte de representar.

Antes de levantar o pano, ou diante de uma câmara, Gerard Philipe é sempre o mesmo calmo e grave. Para as admiradoras que vão à procura de autógrafo, tem sempre um sorriso, um sorrisso com uma ponta de ironia, que nem por isso deixa de agradar! Sem mostrar-se pretencioso, está sempre pronto para ser entrevistado, e em geral é accessível desde que não lhe peçam para falar da sua vida privada, ou de seus gostos e idéias — sòmente interessa ao público sua vida de artista, diz êle.

Seguindo êsse seu ponto de vista, casou-se secretamente com Mme. Nicole Fourcade, que encontrara em Roma nos últimos anos, e conseguiu despistar curiosos e jornalistas.

Gerard Philipe, foi o escolhido para encarnar na tela o famoso personagem de Tolstoi: "o Idiota", em "Diable au corps" o personagem a ser criado é totalmente diverso: um estudante, quase criança, apaixona-se por uma jovem um pouco mais velha, surgem certas dificuldades e os dois perdem o contacto. Mais tarde, reencontram-se e ela já estava casada. Surge novamente a atração, e o jovem tem com a mulher o primeiro amor carnal. Margi-



Com Micheline Presle, a sua companheira de uma obra-prima: «Adúltera».

pe" ficará popular. Gerard Philipe teve muito trabalho neste seu último filme e passava três horas seguidas duelando com dois ou três adversários, imaginando variações, gesticulando com um sabre que pesava dois quilos. Estava despenteado e suado mas aparentemente satisfeito! "O que há de mais maravilhoso nêle, disse Christian Jacque, é que jamais tem consciência do perigo!" O duelo, era para êle como uma brincadeira de criança, e realmente Gerard Philipe parecia uma criança. Também na "Chartreuse de parme", quando se rodava uma cena na Côrte do Palácio Spada, em Roma, Gerard parecia se divertir nas lutas de espada e quem o visse por certo diria: "E' uma criança!

"Fanfan-la-Tulipe" será o herói do dia, tal a juventude do personagem e crianças e público far-lhe-ão festa tal a maneira com que Gerard Philipe lhes faz entrar na aventura.

O sucesso de Gerard Philipe foi até o Japão e quando estêve em Tóquio, recentemente, quando se sentava num restaurante era logo reconhecido e os presentes levantavam-se e vinham polidamente, e por meio de mímica, pedir-lhe um autógrafo nos guardanapos!

Ao lado de François Périer, no cinema e no palco. Gerard Philipe é um grande valor da nova geração artística da França.



Em «Fan fan de la Tulipe»

nando o romance, o filme conta a sua vida junto aos seus e a necessidade do rapaz de se expandir com o pai. A angústia, a dúvida, as suas quase confissões ao velho pai, exigia um grande ator e Autant-Lara, encontrou em Philipe, o intérprete ideal.

Na película "La Beauté du Diable" Gerard Philipe tem ao seu cargo o difícil papel de Henri e Fausto.

Ainda em "Belles de Nuit", é o mucicista provinciano, que esmagado pela realidade de uma vida sem sabor, passa a sonhar, e em sonhos consegue o que julga de mais atraente para o homem.

Christian-Jacque escolheu para seu ator em "Fanfan-la-Tulipe" êsse ator versátil. E é o próprio Philipe que diz ter atuado como imaginara ser o Fanfan. Assim criou como imaginou; intrépido, audacioso, sempre pronto para um duelo. E' um papel de ação, com brigas, perseguições, galopadas e combates. "Fanfan-la-Tuli-



Em «La Ronde», aparecia pouco, mas admiràvelmente.



SHELLEY WINTERS DISSE:

"SABE, EU GOSTARIA DE IR AO BRASIL"



De Hollywod, em exclusividade para A CENA — Reportagem de Edgar Proença

Fábio Ramos, brilhante jornalista das "Fôlhas" de São Paulo, e que vive em Hollywood, veio buscar-me no seu "Cadillac" para uma visita aos estúdios da Universal. Há treze anos em convivência com o mundo do cinema e escrevendo com mais propriedade sôbre o assunto, que é de sua especialidade, o confrade paulista pôs-me em íntimo contacto com tôda aquela gente. Além do seu prestígio pessoal, muito me ajudou Mr. Louis Bloine, chefe do Departamento de Publicidade, outro esplêndido cicerone.

E' a hora do lufa-lufa. Um movimento desordenado de artistas, operadores, costureiros, maquinistas, ensaiadores. Cenários que se armam, projetores iluminando fartamente uma sala luxuosa de um quadragésimo pavimento numa das avenidas de Nova York. Todo êsse aparato, como tôdas as mentiras da vida, dentro do estúdio, no andar térreo...

Passa uma artista, que vai entrar em cena. E' Shelley Winters, a quem chamam de "loira dínamo", de temperamento sem contrôle. Alguém adianta que ela tem tido casos que provocam certo escândalo, sempre bem explorados, tudo isso pelas suas atitu-

des de momento, bruscas, embora sem rancores e disso muitas vêzes se arrependa, pedindo desculpas.

Shelley Winters, a estrelíssima loura do cinema, com afabilidade fora do comum, passa a conversar comigo. Quando lhe digo que sou do Brasil, atalha logo, tentando mastigar algumas palavras em espanhol:

— Entonces, como vá São Carlos?

— Desculpe-me, não entendi bem. São Carlos?

Ela hesita, meio encabulada e, imediatamente corrige:

—São Paulo, como está São Paulo?

— Conhece o Brasil?

— Ainda não. Meu ex-marido, Vittorio Gassman, sim, andou por lá, com uma companhia de teatro. Eu gostaria de ir ao Rio de Janeiro de praias tão famosas.

— Por que não realiza êsse desejo?

— Sim, um dia. Agora em janeiro irei à Itália trabalhar num filme com Silvana Mangano. O nome da película é "Mamba".

—As suas maiores emoções?

— Ah! Nem gosto de recordar. A maior de tôdas, que até hoje me enche de arrepios, foi quando filmava "Um lugar ao sol", na cêna em que quase mesmo eu me afogava.

A seguir, falando-lhe de outros artistas, lembrei o nome de Frederic March.

Sorrindo, "mararrubiescamente", interrompe-me:

— E' o meu artista favorito, claro que depois de meu marido...

Rápido silêncio na conversa. Shelley boceja. Ri muito. Explica-me que se levantara às seis horas da manhã. Mas não disse a que horas se deitara...

Despede-se para continuar a filmar mais um de seus próximos sucessos: "Play girl".



Shelley com uma das suas últimas fotos ao lado do ex-marido, Vittorio Gasmann. Indagada sôbre o assunto, preferiu silenciar, com a expressão de «que fazer?».



CINCO TEMPERAMENTOS E... CINCO DIABOS

De L. BOLTSHALSER,
exclusivo para A CENA

Michel Simon: «Entre a mulher e o diabo»

Cada ator possui uma sensibilidade diferente, e assim, um mesmo texto pode ter uma significação diversa, quando interpretado por fulano ou sicrano. Basta apoiar sôbre uma palavra, dar uma entonação diferente e... pronto: o sentido é outro. Dizia Tristan Bérnard: "O autor escreve uma peça, os atores representam uma segunda, e o público compreende uma terceira". E' pois, mais que lógico, que Satanaz voltando a êste mundo na pele de diferentes intérpretes, os desempenhos resultantes sejam os mais variados, mesmo assim, se encontram alguns traços comuns entre êles, já que cada qual procura manter uma ou outra característica mais tradicional do diabo. Como a malícia, por exemplo: um diabo sem malícia é inadmissível, mesmo um pobre diabo.

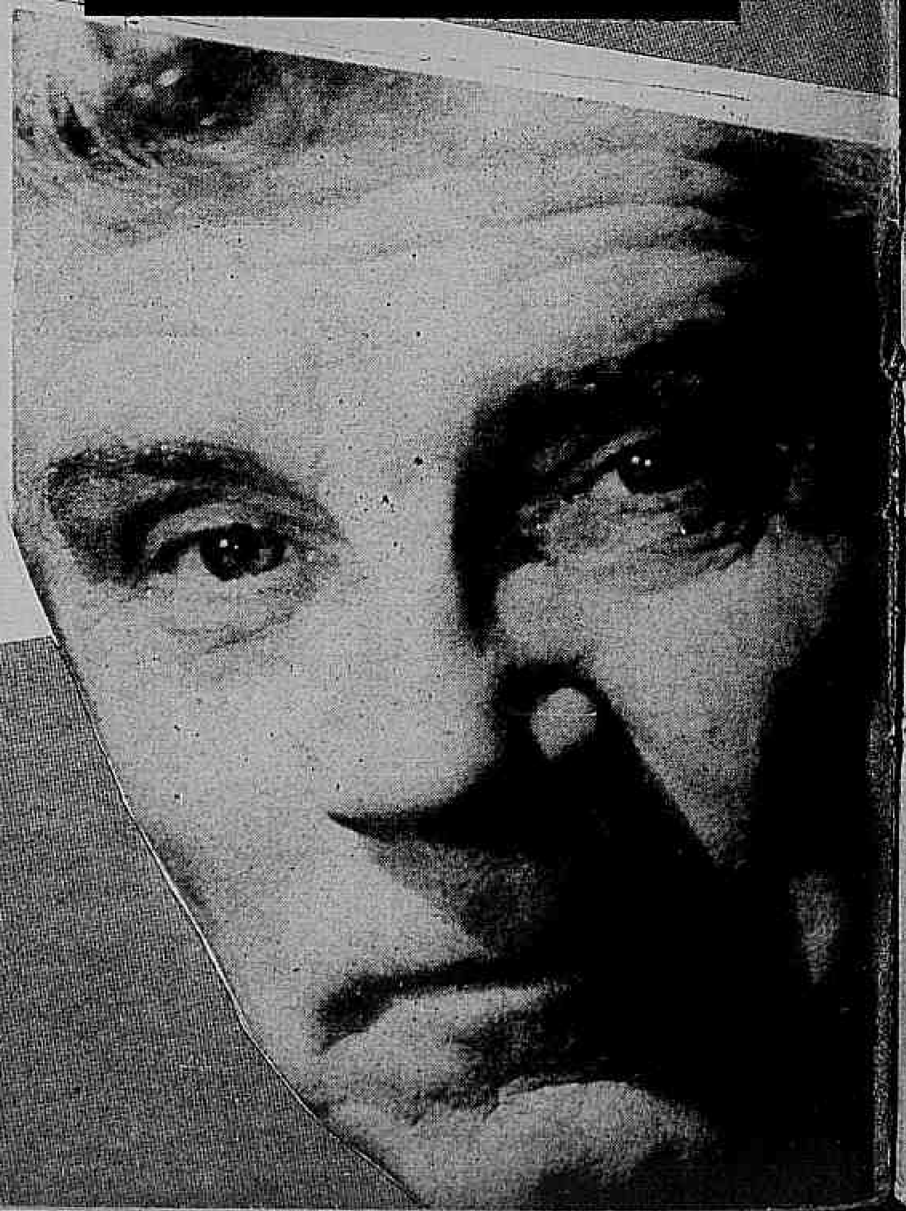
Em "visitantes da noite" Jules Berry criou um Satanaz sensacional. Era a própria encarnação da malícia, uma malícia sutil que se disfarçava atrás de cada palavra dita, ou melhor, saboreada pelo ator. Berry dizia suas falas com prazer, gostosamente, sem tirar os olhos de seu interlocutor, antegozando o efeito que elas teriam. A eloqüência de seus gestos carregava ainda mais o sarcasmo dos diálogos. E a elegância de suas atitudes tornavam-no um diabo ímpar.

Já Claude Rains, em "Eu e o sr. Satã" foi um demônio muito mais comedido. Um digno representante do temperamento britânico, Mr. Rains fêz do diabo um indivíduo muito distinto e respeitável, sempre impecável em sua capa prêta. Até em sua malícia havia dignidade.

O falecido Laird Cregar foi o diabo americano, moderno e bonitão, habitante de um inferno provido de elevadores, e onde tudo era automático, controlado por botões. Em "O diabo disse não", o filme em questão, o diretor, o germânico Lubitsch emprestava a malícia; mas o diabo explodia seu puritanismo quando condenava às chamas eternas uma velhota que exibe as pernas...

Outro diabo americano infinitamente diferente do acima citado foi o Mr. Scratch de "O homem que vendeu a alma". Walter Huston é quem vinha cobrar a divida, um diabo mensageiro, bastante bonanchão que roubava

Walter Huston, no diabo de «O homem que vendeu a alma».



tortas de maçã, e tocava bombo na banda da aldeia em dias de parada.

Michel Simon assim define o papel que interpretou em "Entre a mulher e o diabo": "Eu era um demônio de segunda classe, enjoado da profissão e disposto, dependendo das condições, a integrar as legiões celestes."

A verdade é que, enquanto vivia o diabo do filme de René Clair, Simon atravessava uma fase triste de sua vida. Sua mãe agonizava em Genebra, e o ator, retido na França por causa das filmagens, consumia-se na dor e na incerteza.

Simon inspirou-se em reminiscências dos pastores que conhecera em Genebra, para sua invocação a Satã. E na cena do cabaré flutua em volta dêle uma aura diabólica, independente da





influência da maquilagem e da roupa. Michel Simon confessa que algo, mais forte que êle, entrava em ação nestes momentos, e êle conseguia exatamente o efeito necessário.

Moral da história: "Cada terra com seu diabo...". Ou a criação do ator depende não apenas do temperamento, mas do estado de espírito do intérprete. Michel Simon, reconstituindo a atmosfera envenenada de Satanaz, pensava naquela que morria longe dêle.

Acima, Claude Rains e abaixo, Laird Cregar que, embora figurando em outros filmes, foram dois magistrais diabos.

LES *Belles* DE NUIT

LAS BELLAS DE NOCHE

Director de la realización ...... RENE CLAIR
Realizador adjunto ...... MICHEL BOISROND
Primer ayudante .... SERG LLIN
Ayudante adjunto .... ANTO
Ayudantes aspirantes
Script-girl .... FR
Script-girl adjunta
Director de producci
Regidor general ...
Regidor adjunto ....
Accesoristas
Secretaria de producción
Administrador ....
Director de la fotografi
Operador ....
Primer ayudante ....
Segundo ayudante ......

Ambientador MAURICE BARNATHAN
Verificador OBERT DEMOLLIERE
CŒUR
NATOT
U
N
JEAN
OUX
CESSI
LAMARE
ONTSEFF
E FILLON
E SERVET
Jefe maquillador ...... MARCEL BORDENAVE

UM FILME DE RENÉ CLAIR

ESTREADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

NOVELA DAS IMAGENS

E L E N C O :

Cláudio .... GERARD PHILIPE
Suzanne .... MARTINE CAROL
A mulher diferente .... GINA LOLLOBRIGIDA

e Magali Vendeuil, Marilyn Buferd, Raymond Cordy, Paolo Stoppa, Palau, Albert Michel.

FICHA TÉCNICA

Direção de René Clair — Produção de Franco London — Música de Van Parys — Fotografia de Armand Thirard — Distribuição da Art Films.

Um jovem — chamemos-lhe Cláudio — professor de música numa pequena cidade provinciana, sente-se descontente com o destino. Porque não viveu êle numa época mais de acôrdo com os seus gestos, uma época em que não ouvisse diàriamente êsse ensurdecedor ruído de motores que vem da garagem onde trabalha o seu amigo Roger? Roger, êsse pobre diabo satisfeito com a sorte e com suas mecânicas gordurosas...

Triste vida a de Cláudio. Roger, o garagista; Paul, o ajudante de farmácia e Leon, que se tornou agente de polícia — eis seus amigos de infância, suas únicas relações. Os dias passam monótonos, ocupados por algumas lições de piano e as aulas que Cláudio dá no colégio a crianças impertinentes. As preocupações de dinheiro, os ruídos da rua, as mulheres que não o olham, os boatos de guerra que trazem os jornais, tudo parece atirar Cláudio para o pessimismo. Que época!...

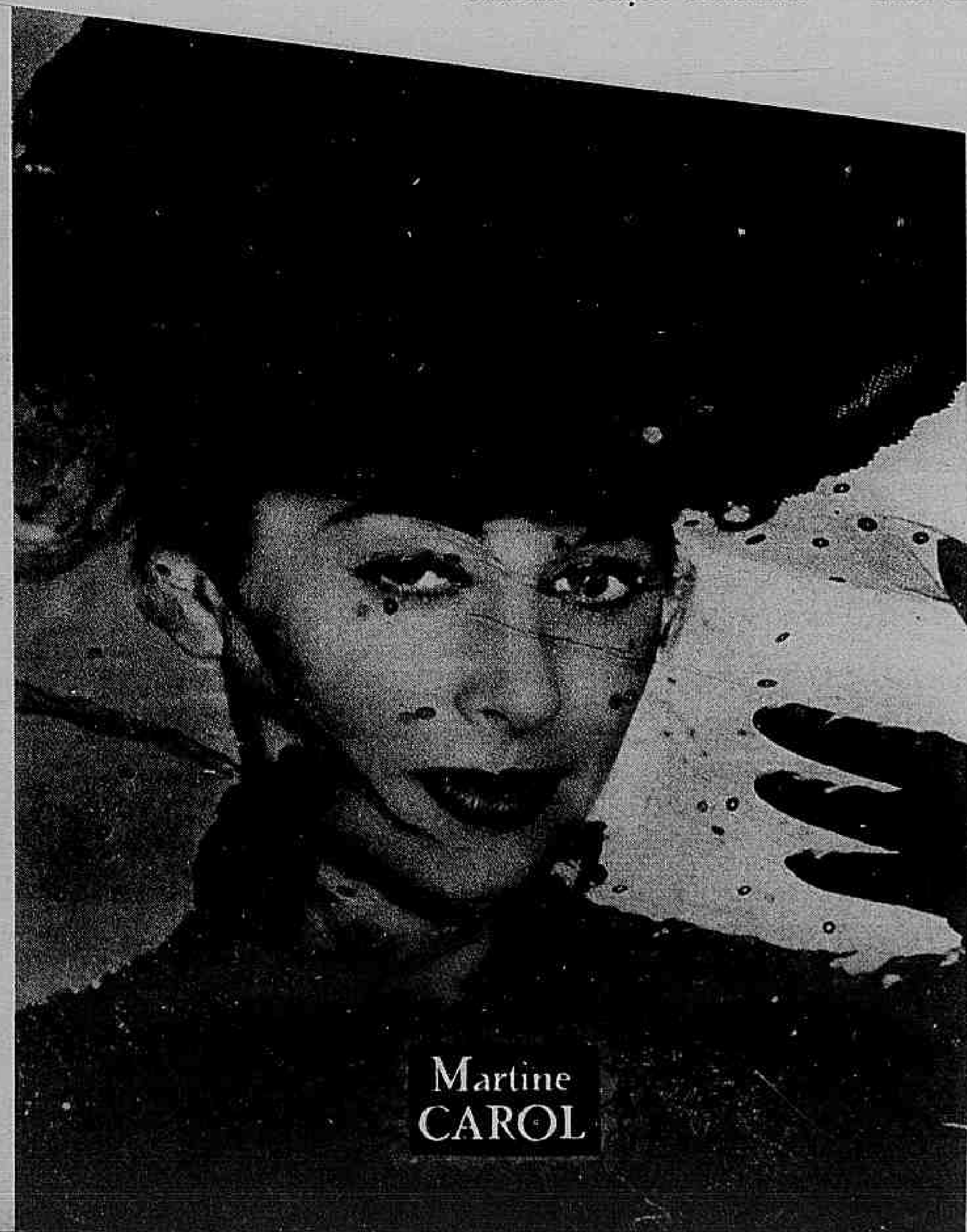
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó... No castelo da região Cláudio olha distraidamente o garôto rebelde à música e que vai tocando nem bem nem mal as notas no piano. E eis que docemente a escola se transforma numa área maravilhosa...

Cláudio acha-se no meio de um salão em 1900. Acaba de tocar êle próprio aquela ária maravilhosa, que é composição sua. Aplaudem-no. Festejam-no. A dona da casa, uma mulher encantadora avança para êle. Admira-o. Diz-lho. Canta-lho. Todo o mundo canta agora a glória nascente de Cláudio. Julgar-se-iam na Ópera... E Cláudio confia à sua nova amiga que escreveu uma ópera.

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Cláudio desperta. Cochila durante a lição de piano. Volta à época presente, às ruas de província, ao pequeno «café» onde tôdas as noites encabula com os gracejos dos amigos, ao seu quarto onde se encontra o piano de que não pagou o aluguel e que lhe ameaçam retirar... Se êle pudesse ao menos, essa noite, reatar o fio de seu sonho...

E eis que o sonho musical regressa. E que a dama de 1900 está ao seu lado e que conclui a ária que começara antes. Ela acaba de saber que a ópera vai em breve ser representada. Parece tão feliz quanto Cláudio com essa notícia. E no sorriso que ela lhe mostra ao partir, Cláu-

Martine Carol: Suzanne. — Gina Lollobrigida: a mulher diferente.







"LES BELLES DE NUIT" (CONTINUAÇÃO)

dio adivinha que ela o ama já. Lá fora, tudo é belo e risonho. Como é belo viver em 1900.

— Gracejais, meu amigo — diz-lhe um senhor de idade. Essa época é horrível. Se tivésseis conhecido Paris no tempo da minha juventude...

E antes que Cláudio pudesse responder, ei-lo transportado a 1840, no reinado de Louis-Philippe. Cláudio enverga um uniforme e parte para a Algéria, onde imediatamente se esquece de 1900 e de suas belas damas. Algéria é ràpidamente conquistada e uma jovem algeriana, sem dúvida de grande família, parece a caminho de ser conquistada também. Como a vida é doce...

— A doçura de viver? Não podeis saber o que é isso, disse um velho oficial, se não conhecestes.

... Os últimos dias do reinado de Louis XVI. Enquanto Cláudio dá uma lição de cravo a uma jovem aristocrata, Suzanne, a revolução agita-se. E quem há de estar entre os revolucionários? — Cláudio, naturalmente. Sua eloqüência torna-o célebre de pronto, mas não esquece as lições de cravo que lhe permitem declarar a Suzanne um amor que parece partilhado por ela. Cumulado, de uma época a outra, de amor, glória, e sucesso, Cláudio seria o mais feliz dos homens se a noite pudesse durar sempre.

Um ruído de motor acorda-o. Na rua, operários quebram à picareta o pavimento da calçada. Pobre Cláudio... Tem de levantar-se, retoma o curso de suas amolações, afrontar um mundo hostil. E' tal a sua irritação que comete naquele dia as maiores extravagâncias. E' expulso do colégio onde ensinava solfejo. Pega-se com Roger, e incidente atrás de incidente, como num pesadelo não tarda a ver-se metido na prisão. Atira-o para ali uma disputa ridícula com o carteiro que lhe queria entregar uma carta registrada. A discussão degenerou de tal modo que Cláudio foi prêso pelo seu próprio amigo Leon, o sargento da cidade. Mas pouco importa a Cláudio... Quanto mais o destino se encarniça contra êle, mais pressa êle sente em voltar ao paraíso que se abre para êle quando adormece.

E Cláudio retoma o fio dos seus sonhos. Em 1900 é um músico célebre; em 1840, um oficial glorioso; em 1793, um dos senhores do momento. E em cada uma dessas épocas uma mulher diferente lhe marcara para a noite próxima um «rendez-vous» em que triunfará o amor.

Desperta ainda. Cláudio bem desejaria continuar nessa prisão onde o sonho lhe traz ventura. Mas seus amigos comovidos com seu infortúnio aparente, intervieram. Fazem-no libertar e rodeiam-no de importunos cuidados. Quando sabem que Cláudio preparou um suporífero para dormir mais tempo, receiam que êle pretenda pôr têrmo à vida. Retido por êles, Cláudio volta a casa mais tarde do que o costume. Procura desesperadamente adormecer, mas o sono só lhe vem no meio da noite.

E é assim que êle chega «atrasado» aos três «rendez-vous» que lhe foram marcados na noite anterior. Funestas conseqüências, as dêsse atraso... Em 1900 um marido ciúmento surge na altura em que melhor se teria passado sem a sua presença. Em 1840, os irmãos da algeriana surpreendem Cláudio junto da irmã. De um pulo, Cláudio junta-se a Suzanne em 1793. Ai dêle. A jovem foi prêsa e Cláu-

dio, que tenta salvá-la, é encerrado nos cárceres do Terror.

— Que época horrível... suspira junto dêle um velho abade. Quando penso no meu bisavô, que comandou os mosqueteiros do rei.

E aí temos Cláudio transportado ao século de Louis XIII. Foi um instante apenas: caíu nos braços de uma mulher que, para mal dêle, era a amada de d'Artagnan. Êste entra e Cláudio, desarmado, mal tem tempo de fugir, perseguido pelos mais terríveis espadachins da história. Por tôda a parte, diante de Cláudio, se levantam novas ameaças e êle apercebe-se, finalmente, de que o bom tempo antigo não era tão bom quanto diziam.

Está no seu quarto. Os amigos que montam guarda à sua porta, rodeiam-no. Ouviram-no gritar e acorreram. E é com prazer que os revê, que regressa à época contemporânea. Quando êles o deixam, Cláudio desce à rua e vagueia por ela para não cair no mundo inquietante dos sonhos.

E é ali, ao clarão da lua, que Cláudio encontra Suzzanne, uma jovem que se parece com a Suzanne de 1793, como a dama de 1900 e a algeriana se assemelham às mulheres reais que Cláudio amara. E' o presente agora que tem a côr do sonho. Esta Suzanne êle amava-a, mas nunca tentara dizer-lhe. E ela também amava Cláudio, mas êle parecia tão estranho, tão longe do mundo...

Cláudio, feliz, não quer mais dormir. Toma café para não abandonar um momento esta vida real que prefere presentemente à «outra». Morto de fadiga, luta contra o sono para voltar ao curso das diferentes aventuras a que o sonho o arrastara. Mas os sonhos não abandonam a prêsa...

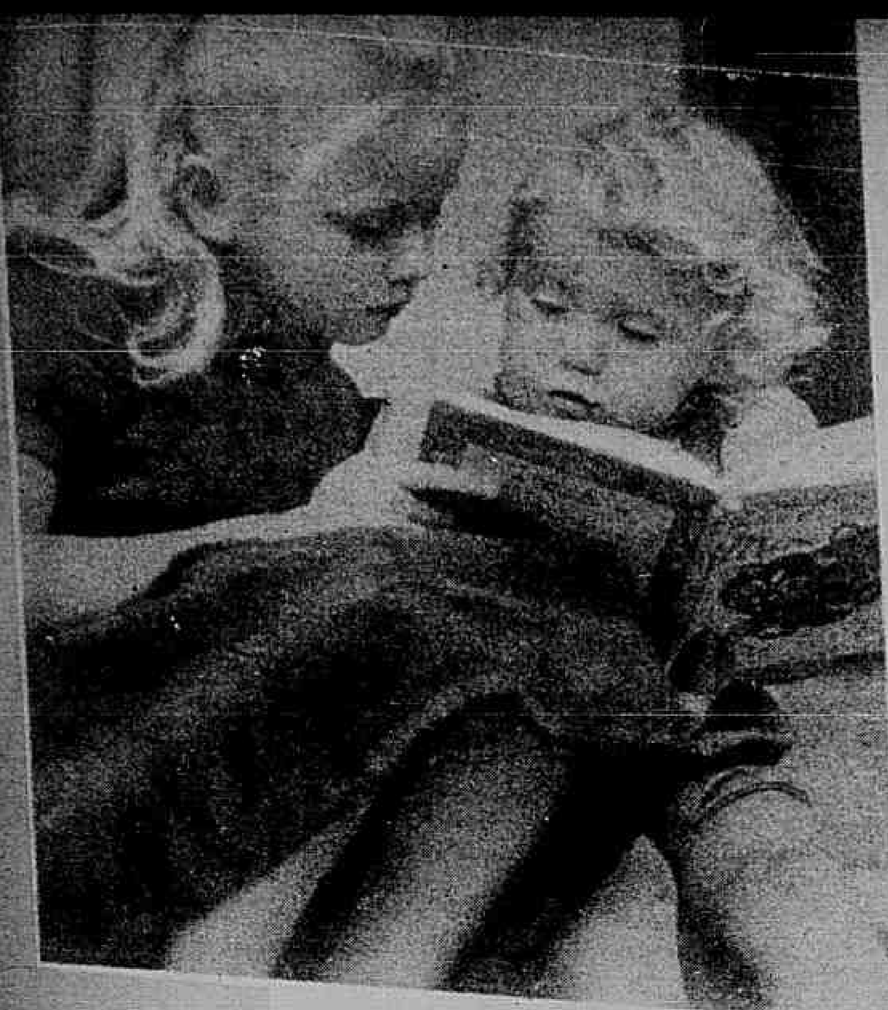
Em 1900, o marido ciumento desafiou o seu rival para duelo, e diante da pistola que lhe é apontada, Cláudio refugia-se em 1840 onde os três irmãos da algeriana se apoderam da sua pessoa. Escapa-lhes, porém, e cai em 1793 ao pé da guilhotina. Fugindo do carrasco, Cláudio penetra na época de Louis XIII, onde espadas se levantam contra êle. Vence o curso do tempo, salta de uma época a outra, e uma perseguição se desencadeia através dos séculos, num crescendo musical em que se misturam os mosqueteiros, o marido e suas testemunhas, os jacobinos, os chefes árabes e algumas personagens contemporâneas.

O despertar salva Cláudio dos diversos castigos que o ameaçam. E, ao despertar, a existência lhe parece cada vez mais agradável. A carta registrada que êle recusara, aceita-a das mãos do carteiro com quem se reconciliou. Essa carta é assinada pelo diretor da Ópera que lhe marca um encontro. Ninguém sabia que Cláudio havia escrito uma ópera. Êle só havia dito às mulheres dos seus sonhos. E os amigos vêm a saber de Cláudio que êle enviara a sua obra para Paris, mas que perdera a esperança de receber a resposta.

Pouco a pouco os pesadelos dissipam-se. Mas Cláudio está tão pouco habituado à felicidade que só tem a certeza de estar desperto quando abre os olhos para o mundo que o rodeia, êsse mundo real onde sucede ser-se às vêzes feliz, êsse mundo onde se pode encontrar o amor e a amizade e onde os milagres ainda se podem produzir, como nos sonhos.



Cláudio nas regiões do sonho, confuso com a realidade.



Brigitte Fossey, a mais genial de qualquer fase do cinema, na vida real, com o seu irmãozinho.

ROSTOS INFANTIS NO CINEMA

De MARIA LUIZA, exclusivo para A CENA

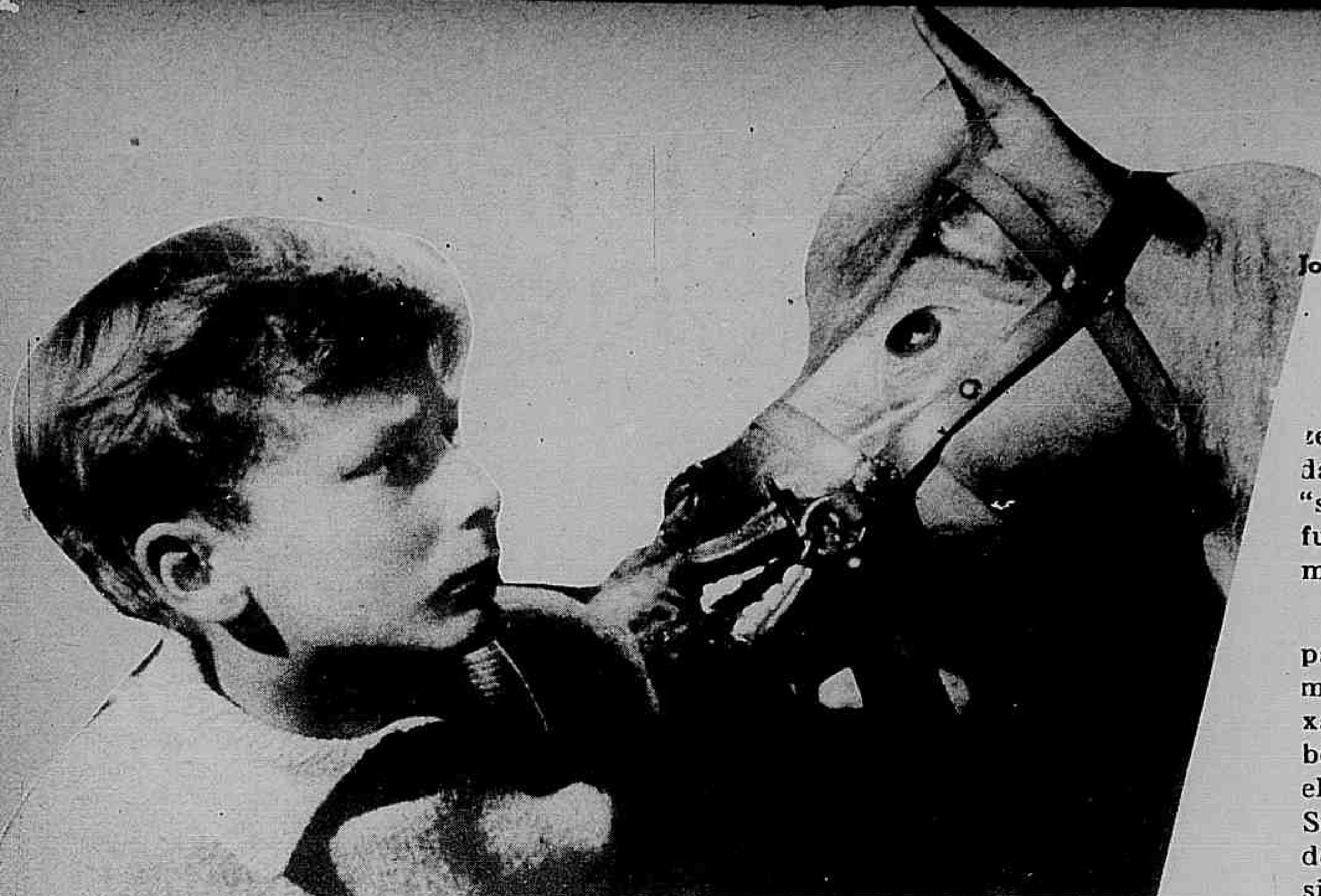
A infância tem sido muito aproveitada pelo cinema, o que vale dizer, nem sempre com felicidade. Grandes cineastas tomaram o rosto infantil por advogado de defesa numa causa em que está em jôgo o bem comum da humanidade. Assim, em "Somos todos assassinos", filme com que Cayatte se coloca em honrosa posição, o rosto do pequeno Michel (Georges Poujouly) é um eloqüente libelo contra o abandono da infância.

Os pequenos pedem justiça, uma sorte melhor para si. Quem terá coragem de recusar alto a uma criança? Os meninos de "Em qualquer parte da Europa", e os "sciuscia" de "Vítimas da tormenta" gritam contra a guerra, que os deixa sem lar e sem o afeto dos pais, que os condena a vagar pelas estradas, dormindo ao relento, roubando para não morrer de fome, ou seja, preparando bem o futuro. A inocência da expressão de Brigitte Fossey, em "Brinquedo proibido", a pureza de seus olhos azues, rasos de lágrimas, quando percebe a morte dos pais ou quando a privam do afeto de Michel Dollé, não são uma poderosa acusação ao mundo dos grandes; que em sua cega crueldade não poupa nem mesmo a infância?

Outro filme que apresentou com dignidade o problema de uma criança foi "Mandy". Desta feita, tratava-se de uma criança anormal, surda-muda cujos pais, tentando protegê-la contra o mundo exterior, criam conflitos que nem êles nem a pequena são capazes de solucionar. Longe dos ares de prodígio que toma a infância dos filmes americanos, Sandy Mackendrick arrancou de sua pequena intérprete um desempenho vibrante de sinceridade. A presença da menina é verdadeiramente preciosa e tão emocionante quanto esta presença, o detalhe do menino surdo que coloca confiante a



Sandy Mackendrick, outra impressionante revelação, em «Martírio do silêncio».



John Howard Davies, outro portento da atualidade.

zendo travessuras extraídas a alicate da prodigiosa imaginação dalgum "scripter" de terceira ordem, e têm a função de arrancar risos das plateias mais condescendentes.

Essas antipatias ambulantes, com o papel decorado na ponta da língua, murmuram perceptivelmente as "deixas", de modo que o espectador também sabe o momento exato em que elas devem dar o ar de sua graça. Suas atitudes estudadas são capazes de despertar todos os instintos assassinos do mais calmo e sentimental dos espectadores.

sua mãozinha na mão de Phyllis Calvert. O menino John Howard Davies, intérprete de "Sublime inspiração" e "Oliver Twist", é outro que atua com veracidade. Como esquecer a comovedora reação de Oliver à primeira manifestação de carinho que recebera em tôda a sua vida?

A infância, assim exposta, é a pedra de toque, capaz de emocionar o menos sensível, o mais empedernido.

Mas existe o reverso da moeda. As crianças prodígio do cinema a Margaret O'Brien ou o Jack Jenkins de uns sete anos atrás, as *gracinhas* das comédias matrimoniais. Representantes de uma infância fabricada de encomenda, atuam em papéis falsos, fa-

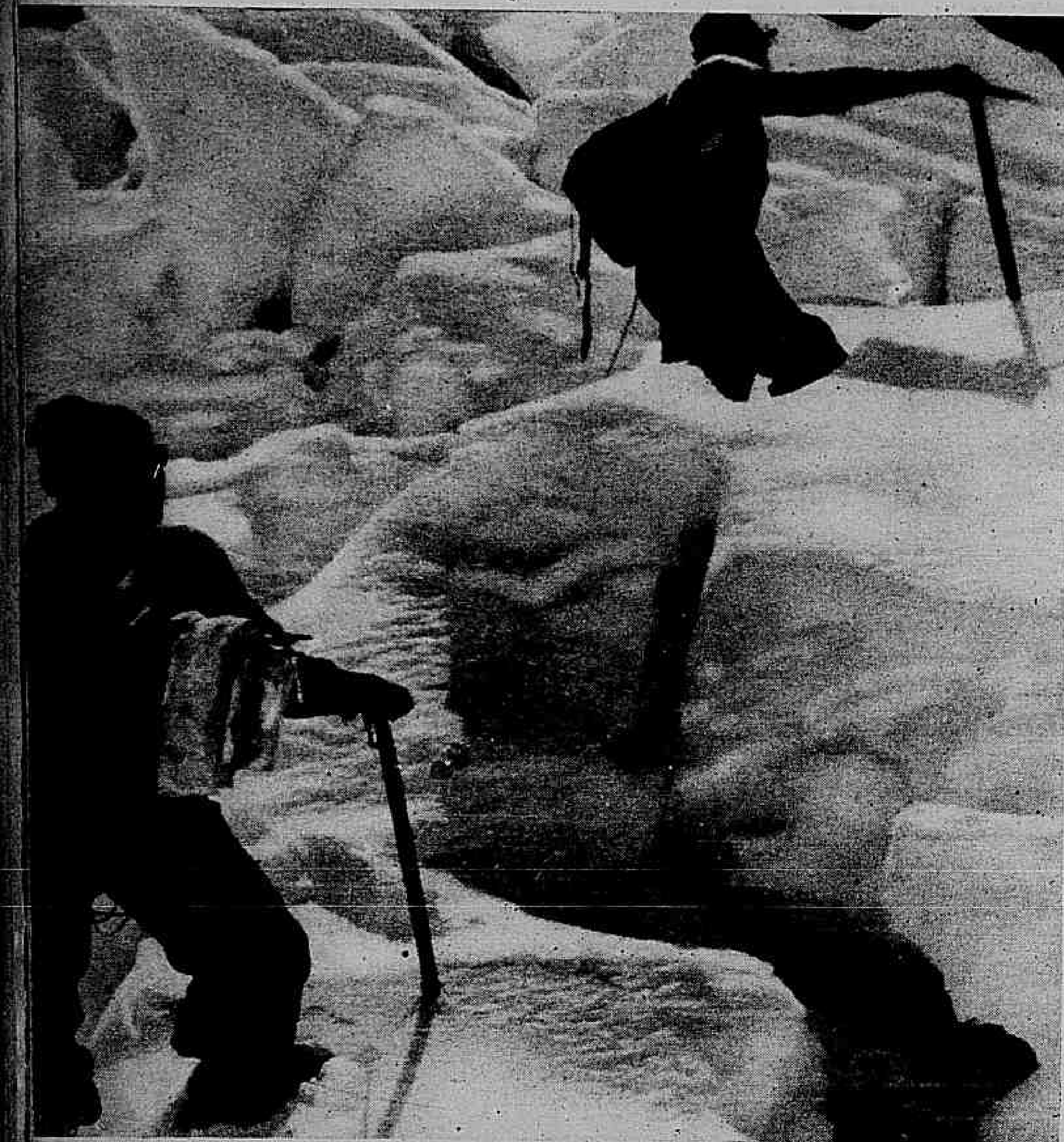
Recordamos diversos rostos de crianças que passaram pela tela. Risonhos, tristes, marcados pelo sofrimento, saudáveis, doentios, do mundo infantil de Kuksi, Paulette e Michel, que os adultos procuram destruir, à atmosfera convencional, construída por grandes, que cerca O'Brien, Jenkins e tôda sua legião de seguidores.





Dois idolos do passado que desapareceram com o crescimento: Mqrgaret O'Brien e Jack Jenkins.

Pré-estréias do Festival



Inglaterra: «A conquista do Everest»

Argentina: «A orquídea».



ITALIA NO FESTIVAL

3 — SOL NOS OLHOS

Entre os pontos fortes do neo-realismo italiano está a construção dos seus roteiros. Neste, como em outros filmes, há uma fuga aos intelectualismos de linguagem. Na forma do costume, há crítica social, observação humana, em tôrno de criaturas simples e, em meio de tudo isto, um fundo construtivo. Descreve a trama o caso de uma provinciana que passa a sentir as agruras de uma grande cidade: Roma. Os erros que comete são os clássicos em matéria de inexperiência e, em meio das suas proposições e quedas, sempre restou, no tocante ao conteúdo, um fundo moral. Entretanto, embora a construção sadia do roteiro, a direção não o concluiu devidamente. Talvez que o motivo esteja com o fato de ser estreante o diretor: Antônio Pietrangeli. Ex-cenarista do cinema peninsular — inclusive, foi o correto idealizador do atual — não completa, com maior devassa psicológica, os acontecimentos que estrutura. Daí resulta que, em conjunto, a película não chega a manter um nível de interêsse à altura dos destacados espetáculos originários da Itália. Mantem-se em um dêsses meios têrmos razoáveis, muito melhor nos trechos leves do que nos dramáticos. A correção dos intérpretes favorece a visão conjunta. Paolo Stoppa, Irene Galter, Gabrielle Ferzetti agradam. Iluminação fotográfica sem maiores pretensões, seguindo os rumos gerais do cinema de origem. Produção italiana da Titanus Film. Título original: "Il Sole Negli occhi".

ITALIA NAS JORNADAS

3 — NÁPOLES MILIONÁRIA

Mais uma das famosas peças de Eduardo de Fillippo transposta à tela. Destaca-se, mais uma vez, as suas intenções críticas. Mostra a antiga rivalidade entre o norte e o sul da Itália. Os do sul, mais pobres, atribuem aos do norte, com a exploração das suas ricas indústrias, os males que os afligem. Embora os instantes curiosos, os intentos do autor não são suficientemente esclarecidos. Mesmo com todo o vínculo da ribalta, o ritmo é ágil, superando certos trechos lentos do roteiro, bem como alguns casos paralelos ao principal fio, bem menos curiosos. Fillippo dirige apreciàvelmente e satisfaz também como intérprete. Anna Maria Ferrero, Frank Latimore e Vitorio Sanipole seguem-lhe, com êxito, as pegadas. Os diálogos se processaram através de "dublagem". Fotografia e música adequadas. Conjunto bem característico da moderna escola do cinema italiano. Título original: "Napolitani a Milano". Com tôdas as ponderações ainda é bom filme.

ITALIA NAS JORNADAS

2 ½ — MIZAR

O cinema italiano não costuma produzir filmes coloridos. Assim, causa surprêsa que, ao fazê-lo, tenha escolhido uma história de espionagem. Aliás, a trama é inspirada em acontecimentos verídicos, mas, diga-se de passagem, sem maiores emoções. O comum do assunto tem a sua melhoria nos ambientes filmados do norte da África, no Egito, no pôrto de Alexandria etc. Filmado em locação, há um sentido verdadeiro neste particular. Depois, a cenografia foi, também, esmerada. Auxiliado pelo "ferraniacolor" foi, assim, obtida uma atmosfera ambiente que os filmes do gênero, particularmente americanos, jamais impõem com tanta perfeição. Infelizmente, pouca coisa o celulóide revela além disso. A direção e o roteiro de Francesco De Robertis são absolutamente comuns. Seguindo "pari-passu" assunto e orientação, os intérpretes limitam-se a um nível aceitável, porém álgido. Com todo o mérito do "decor", tanto natural quanto as reproduções do estúdio, não há vibração no desenrolar. Os atores, em médio padrão, são Dwan Adams, Franco Silva, Paolo Stoppa, Marylin Butterd, Lia di Leo, Sivana Jachino, Charles Fawcett e outros. Título original: "Mizar", Itália. De Roberts foi responsável, em seu país, por "A nave branca", "O mulato" e "Prisioneiros do mar".

ESTADOS UNIDOS NO FESTIVAL

2½ — MÚSICA E LÁGRIMAS

Êste foi o celulóide escolhido para inaugurar o Festival Internacional de São Paulo. Por vários motivos, não foi acertada a indicação. O assunto é excessivamente regional norte-americano. Trata-se da evocação da carreira de Glenn Miller, o célebre músico que morreu tràgicamente, em um acidente. Fora isto que, aliás, e com justiça, não é exposto em imagens e, sim, através de rápidos diálogos, nada houve de emocionante na sua carreira. E, devido ao roteiro — aliás com trechos bem feitos, conquanto por demais alongado — de autoria de Valentine Davies e Oscar Brodney terem seguido, por imposição da viúva Miller, a vida de Miller, tal como foi, se tornou algo monótono o transcurso. Embora correta e esforçada, a direção de Anthony Mann se deixou envolver pelos vários fatos acima, agravados pela inútil extensão da película. Se não aconteceram "coisas" na vida de Glenn, por que, então, estender tanto a duração do filme? James Stewart está aceitável no biografado, Jane Allyson, sempre meio enjoadinha, personifica a sua eleita. Gene Krupa e Louis Armstrong valorizam uma "jazz session" George Tobias, Charles Drake, Henry Morgan satisfazem. Título original: "Glenn Miller story. — Universal.

MÉXICO NO FESTIVAL

1½ — LEVA-ME EM TEUS BRAÇOS

Custa a crer que Júlio Bracho, o grande diretor de "Crepúsculo" e que tem bons filmes em seu "carnet" ("Rosangela", "Paraiso roubado", etc.) possa orientar algo tão deficiente. Filme de aspecto de puro comércio popular, pois a trama é, apenas, mais uma história da queda da heroína mexicana. O velho caso da moça que, para salvar outrem, se coloca ao dispor dos homens maus. Perde o noivo e a si própria, indo parar no clássico "cabaret" mexicano, a fim de permitir os requebros de Ninon Sevilla! Tampouco é possível compreender como película dêste gênero é estreada em um festival quando, ao contrário, deveria ficar bem escondida de quaisquer opiniões a fim de explorar certa mentalidade fraca do público que aprecia tamanhas inconsistências. Para cúmulo do vexame, Gabriel Figueroa aceitou ser o fotógrafo da realização, o seu pior trabalho. Está irreconhecível e até mesmo os letreiros poderiam ter anunciado um outro qualquer. Ninon Sevilla é uma atriz que, ao chegar qualquer instante dramático, decepciona totalmente. Rodolfo Acosta é o melhor do elenco que inclui os nomes de Armando Silvestre, Andres Soler, Carlos Lopez, etc. Título original: "Lleva-me en tus brazos", México.

ALEMANHA NAS JORNADAS

2½ — "O VENDEDOR DE PASSARINHOS"

Esta película alemã está incluída no gênero de filmes que êste país logra melhor apresentar: o filme-opereta. Tôdas as restrições e qualidades peculiares aos musicais germânicos podem ser observados nesta película. A marcação teatral, o excesso de diálogos, a não justificação dos fundos musicais que, entretanto, dão um tom peculiar ao filme. Por sua vez, a interpretação dos atores é moldada em ritmo teatral.

Narra a história de um vendedor de passarinhos que vai à cidade durante a realização de uma quermesse a fim de vender suas aves. Lá encontra sua noiva que viera em uma carruagem, acompanhando uma duquesa e sua dama de honra. O marido da duquesa, exímio na arte de conquistar mulheres e de dispersar-se em farras e jogatinas joga por outro lado, uma cartada difícil: a disputa dos amôres de uma francesinha insinuante. Esta, por sua vez, torna-se amiga da duquesa e prepara um "alibi" a fim de aproximar os nobres conjuges. Tudo termina alegremente, nos moldes usuais às operetas.

Entremeia a ação números de dança em que se notam a precária imaginação do coreógrafo que nada mais fêz que adaptar numa miscelânea, sem unidade, os conhecidos bailados.

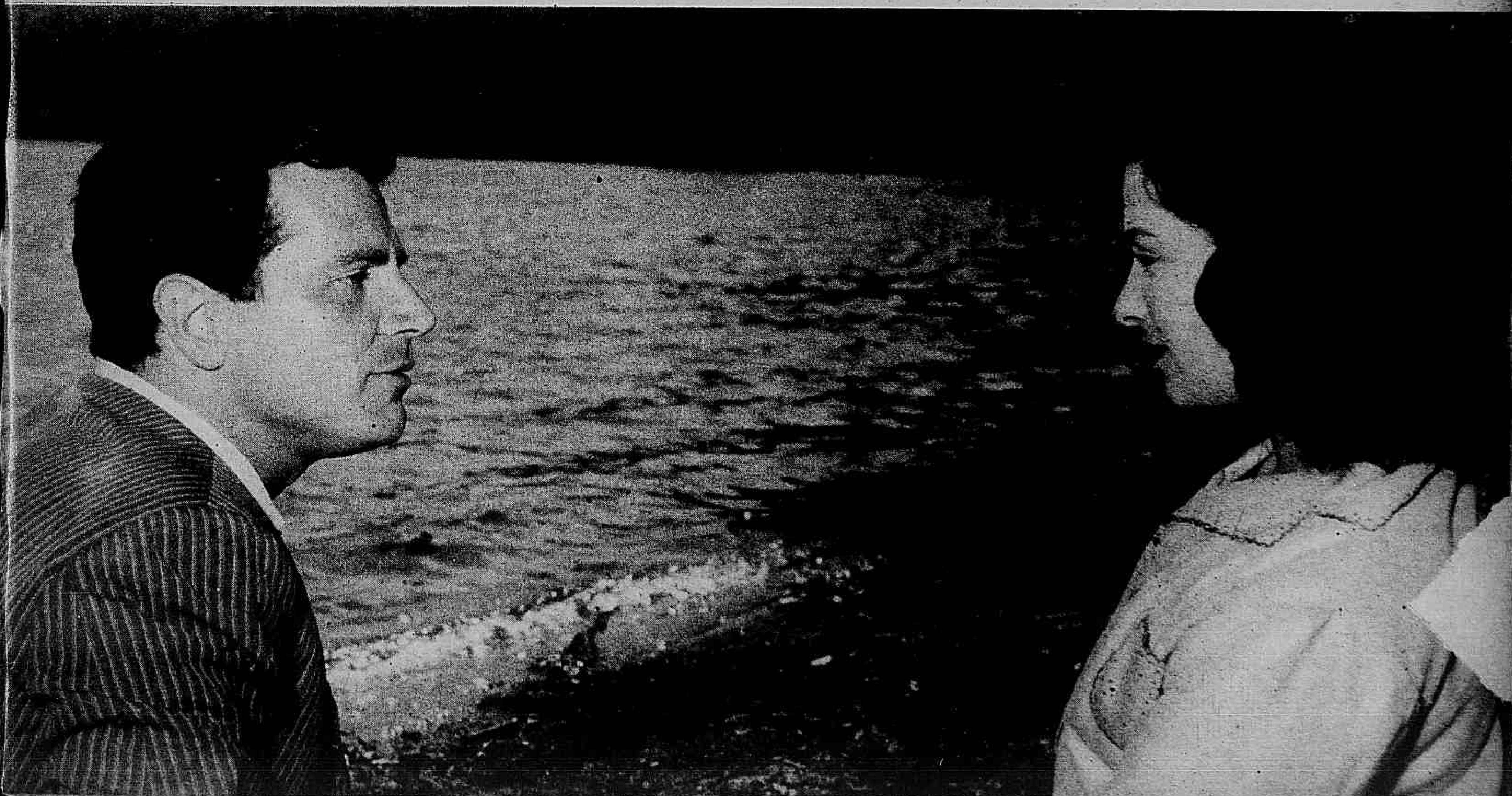
A fotografia, a montagem e os cenários são o ponto alto desta película. O colorido é realmente magnífico, trazendo-nos à memória as côres da pintura holandesa do século XVIII. A direção coube a Arthur Maria Rabenalt, regular para o gênero. As principais figuras, aceitáveis são: Ilse Verner e Wolf Albache Retty.

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 — "ENTRE A ESPADA E A ROSA"

É uma nova produção de Walt Disney realizada na Inglaterra, totalmente inferior às anteriores "A ilha do tesouro" e "Robin Hood, o justiceiro". Colabora no argumento Lawrence E. Watkins, que trabalhou nas duas fitas acima. O filme é uma sátira histórica, reportando-se à côrte de Henrique VIII. Apresenta a irmã do rei que se apaixona pelo plebeu; há dois vilões, um dos quais o Delfim Francis, filho do rei Luís XII, já decrépito. Henrique, vivido por James Robertson Justice, não parece ser aquilo que o monarca da Inglaterra foi. Nem se sabe se a intenção é de sátira ou de se fazer filme sério. O colorido é sofrível. Richard Todd e Glynis Johns são os namorados. A direção é de Ken Annakin. Há atmosfera descritiva, trechos isolados bons, mas o conjunto não se impõe. Filme da RKO.

Itália: «O sol nos olhos».





Para o "Festival Ballet", terceira reunião mundial de filmes inéditos de dança, muito importante será a mais recente das contribuições dos filmes russos. Todos no mais moderno dos coloridos, são "Gran concêrto" de 1952, com Galina Ulanova dançando "Romeu e Julieta", com "Danças do Príncipe Igor" — cujo trecho do filme está acima figurado — e "Lago do cisne". De 1953 teremos "Concêrto de estrêlas", com Ulanova no "pas de deux" de Raimonda; o "ballet" Gayaneh, música de Khachaturian, "Les Sylphides" e outros; O 3.º filme será "Os grandes expoentes", com todos os seus principais vultos. O "Festival Ballet", terceiro festival mundial de filmes de dança, é uma iniciativa que permite ao público cultor de arte o contacto com as maiores figuras da atualidade, no oriente e ocidente. Reservas de pedidos de inscrições, em São Paulo, no Cine Teatro São Francisco e, no Rio, Filmoteca Cultural, Álvaro Alvim 33, 3.º andar. E' uma iniciativa máxima, entre tôdas as que se efetuaram no gênero.

80 PRÉ-ESTRÉIAS DO FESTIVAL

(Continuação das págs. 24 e 25)

ARGENTINA NAS JORNADAS

2 – "O CONDE DE MONTE CRISTO"

Não é particularmente simpática a figura de "O Conde de Monte Cristo", êsse extraordinário personagem que Dumas criou. O "Dom Quixote" do século XVIII não tem em si o conteúdo humano daquele criado por Cervantes. Além disso, é um precurssor do "Super-homem", essa figura símbolo de uma aspiração sórdida de vingança, triunfante por meio da fôrça física e financeira. O filme argentino respeita a tradição dos outros "Conde de Monte Cristo" ùltimamente apresentados pelo cinema: É medíocre.

Interpretado o papel título por Jorge Mistral, um ator de boa estampa, coadjuvado por Elina Colomer, Santiago Gomez Cou, Nelly Meden, Fina Wasserman, Nathan Pinzon etc. souberam êles desincumbir-se aceitàvelmente. Não cabem restrições maiores aos seus desempenhos. O diretor não poderia ser recriminado sob êste aspecto. Não conseguiu, entretanto, obter um ritmo adequado aos filmes de aventuras tão bem impressos no cinema americano. As côrtes francesas e inglesas, figuradas, são apenas uma caricatura. Não consegue o cinema argentino (como nenhum outro em geral) caracterizar personagens e ambientes estranhos àqueles que é o seu. Têm-se a impressão, que, de um momento para outro, os cortesãos iniciarão a dança de um tango. Leon Klimovsky comete o mesmo êrro que tantos outros. Cumpre notar que há passagens louváveis, por exmplo, as passadas na prisão de "If". Auxiliadas pelo decor, convencem bastante. A fotografia de Alberto Etcheberere principalmente na seqüência citada é boa, bem contrastada, conseguindo transmitir-nos integralmente, a impressão do inquietante e insalubre ambiente. A música de Juan Ehlert pontua com correção. Aliás, na sua feitura técnica, o filme nada deixa à desejar mostrando mesmo, o cuidado de confecção e a correção que atingiu o cinema platino em relação, por exemplo, ao brasileiro.

MÉXICO NAS JORNADAS

2 – "MINHA ESPÔSA E A OUTRA"

A cinematografia mexicana é muito afeita ao melodrama. Aborda problemas ousados, quando não profundamente sérios sem, entretanto, penetrar-lhes o âmago. Quantas prostitutas, quantos degenerados, quantas crianças abandonadas, policiais honestos e desonestos já desfilaram por nossas telas, projetados de películas mexicanas? Sem dúvida, isto prova a incapacidade dos argumentistas ou diretores de apresentá-los com suas raízes sociais ou é mais uma dessas absurdas concessões que os estúdios exigem para atender a preferências de um público mal orientado e mal acostumado?

Em "Minha espôsa e a outra" entram em jôgo, na complicada trama: um jogador, de bom coração, mas capaz de atitudes dignas e de recuperação; crianças cujo maior problema é o desamparo paterno; um rico burguês que mantém uma vida dupla com a espôsa — com a qual casou por conveniências econômicas — e uma amante que ama. O burguês procura dar uma situação social à amante. Através de complicada chantagem, usando o nome do jogador à sua revelia, forja um casamento para a sua companheira, com um outro homem. A espôsa toma conhecimento da vida dúbia do marido e, para desfazer esta suspeita, seu marido leva a conhecer a amante tendo combinado para isso com o jogador uma farsa. Porém, êle se apaixona pela sua espôsa, orienta os filhos pelo caminho certo, dando-lhes o amparo moral de que careciam e finalmente une-se a ela.

No papel principal, o de jogador, Arturo de Cordova, dá-nos bom desempenho. Os outros situam-se abaixo dêste nível: Marga Lopez, Ramon Gay, Alma Délia Fuentes, Beatriz Aguirre. Ao argumento de Carlos Santiago Darnel falta, autencidade e realismo, degenerando para o melograma que o cinema mexicano insiste em nos oferecer. A direção de Alfredo B. Crevenna apenas sofrível assim como a fotografia. Produção de Alfredo Ripstein Jr., título original "Mi esposa y la otra", México.



Estados Unidos: «Inferno 17»

ESPANHA NAS JORNADAS

2 – "SIEMPRE CARMEN"

Produzida por Cezareo Gonzalez, dirigida por G. M. Scotese, êste filme é uma adaptação do romance de P. Merimé. Com ação atual, fêz seu ambiente no pôrto de Sevilla. Carmen não deixou de ser cigana mas, em lugar de trabalhadora em fábrica de fumo, passou a ser uma desocupada de beira de cáis. É, também, ligada aos contrabandistas de fumo que faziam entrar no país, cigarros americanos, mas isto não implica na perda do sensualismo, que sobrenada a película. Não é esta, finalmente, a primeira nem a última adaptação que se faz da obra de Merimé para o cinema. Até Chplin já foi tentado pelo tema, nos seus velhos tempos. Tôdas as versões têm tido defeitos e qualidades. A obra, que para a época em que fôra criada era de realismo chocante, hoje fica carecendo dêste predicado indispensável para a autenticidade dêste gênero de películas.

Ana Esmeralda, no papel título, revelou-se uma bailarina dotada, de grande fotogenia e igual capacidade interpretativa. Os demais atores fizeram seu trabalho com correção e desenvoltura, manifestando-se G. M. Scotese um diretor de atores bem dotado. Faltou ao filme, entretanto, um adequado desenvolvimento e maior cuidado de confecção. A fotografia, se bem que apresente enquadramentos bonitos e bem compostos, não tem unidade. A música que, segundo a ficha técnica, é uma adaptação da ópera, longe está de completar o filme. Muito pelo contrário, prejudica-o, criando "suspense" onde não se fazia necessário. O som e a dublagem deixam a desejar.

MÉXICO NAS JORNADAS

1½ – "O PÓRTICO DA GLÓRIA"

Aproveitando-se do grande sucesso comercial que é, sem dúvida, o frade-cantor José Mojica, êste filme em nada fica à dever a qualquer produção medíocre, entre os países que possua uma cinematografia incipiente. A história, evidentemente, fêz tôdas as concessões necessárias para que na película atuasse aquêle cantor: glorificação da Igreja e da obra do Senhor; crença fervorosa nos poderes da prece e no determinismo religioso. Tudo para narrar a temporada do grupo de pequenos cantores mexicanos que visitam, em temporada artística, a Espanha. O grupo encontra uma estranha protetora na figura de uma viúva cortejada por um cavalheiro que pretende a sua mão. Mas esta não corresponde às demonstrações de carinho que recebe, sendo mesmo indiferente a êles. Uma das figuras do côro, um rapaz de 16 anos, a impressiona sobremodo. Faz-lhe lembrar um filho desaparecido durante a guerra. Aproximam-se e nasce uma ternura entre ambos que, devido a um beijo, é mal compreendida pelo responsável do grupo, (José Mojica) que procura afastá-los. A senhora se explica e o frade procura saber das origens do jovem confirmando o que a estranha senhora havia sentido: que aquêle era seu filho.

Como pode se notar a história nada tem de original, é enfadonha e mal explorada, caindo no artificialismo das coincidências, em monólogos imensos, em concessões que visam, exclusivamente, a exploração do misticismo do povo espanhol.

Tècnicamente a fita também deixa muito à desejar. A fotografia é péssima, o som irregular e continuidade precária. Entretanto, o maior defeito que se nos apresenta é uma ridícula demonstração de poderio militar, através de uma série de tomadas, no início da película, que mostram fôrças armadas desfilando nas praças espanholas que, além de nada sugerir com o argumento é totalmente despropositado dentro do espírito que rege a película.

(Continua no próximo número)



«Capitão Pirata», Universal.

~~Orientação crítica~~ de **JONALD, L. BOLTSHALSER** e **H. ANDERSEN** ★ Em São Paulo: **C. MAXIMIANO**

Cotações de A CENA **(de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.**

LANÇAMENTOS DO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

2 ½ — "A VOLTA AO PARAÍSO"

Mark Robson, um cineasta de prestígio, dirige, agora, uma produção de nível comercial. A sua direção é um dos pontos altos da película, além da interpretação do veterano Gary Cooper que, apesar dos anos, continua em plena forma. Vive, desta feita, com finura e naturalidade admiráveis a figura do senhor Morgan («Morgatani»). Trata-se de um estranho que um dia surge na ilha de Matareva, uma daquelas ilhas do sul do Pacífico, tantas vêzes exploradas por Hollywood. Extraído de um romance, desenvolve-se tudo em atmosfera de pura ficção. Por êste motivo está esta fita muito longe da infantilidade de um «Ave do paraíso», a tão falada incursão norte-americana pelos Mares do Sul, filme que, à pretexto de mostrar os costumes de uma dessas ilhas, apresentava uma série de absurdos inacreditáveis. O argumento de «A volta ao paraíso» está dividido em duas partes, e tem, de certa forma, um sabor novelesco popular. Robson sabe dirigi-la de forma a torná-la apenas um espetáculo agradável. Cooper interpreta seu papel à vontade, com um espetáculo agradável. Cooper interpreta seu papel à vontade, com bom-humor. Barry Jones vive a figura de um tiranete que se-modifica com o correr da história e Roberta Haynes é a nativa que ama Morgan. Boa fotografia em «technicolor». Título original: «Return to paradise». (De C. M., em São Paulo)

PRÉ-ESTRÉIA DA ATUAL SEMANA

2 ½ — "A MALDIÇÃO DE CAIM"

O título já indica mais ou menos a história. Realmente, a película mostra um irmão que assassina o outro. Desta vez, as intenções mais usuais são o «suspense». Trata-se de fazer a culpa recair em outrém, no caso a espôsa da vítima, a bela Sally Gray. E temos os elementos de praxe tais como: o copo com veneno ministrado ou não; o remédio dado em dose dupla; um encontro casual e inocente com outro homem, o que, aliás, vem a servir como motivo para o crime. Há, também, algumas coincidências e circunstâncias que vêm a comprometer a suposta criminosa. Êsses elementos chegam mesmo a ser ironizados pelo próprio Eric Portman, que é o «Caim» do filme, na célebre cena de tribunal. Tôdas as situações aqui criadas sempre pareceram falsas e mais dramáticas do que de costume. Há, também, ritmo teatral e certos usuais recursos do gênero, conforme o casarão austero, mais à meia luz do que de costume. Isto poderia surtir mais efeito de «suspense» caso fôsse manejado por um Hitchcock. Porém, como o diretor Brian Desmond Hurst não é o mestre do «suspense», «A maldição de Caim» fica mesmo no comum. Entretanto, o nível interpretativo geral, não fôsse o filme inglês, torna regular o conjunto. Produção inglêsa, da Two Cities, em cartaz no Rivoli. (De C. M., em São Paulo).

FILMES EXIBIDOS NA SEMANA INICIADA EM 22/3/54

3 — "AS DUAS VERDADES"

Depois de «Rashomon» estão ficando em moda as histórias com diferentes interpretações. Apesar disto, há muitos pontos originais na trama. A idéia parte de um tribunal. Através de um dos depoimentos (acusação) a jovem vítima de um crime é fixada em meio de uma auréola de pureza enquanto que o amante como um vil explorador. De maneira imprevista, as imagens fixam o relato da defesa em que as situações são trocadas. A moça é impura e sórdida, enquanto que o rapaz passa a ser visto como o justo. Entretanto, a direção e roteiro tomam partido pela segunda versão, aliás mais intuitiva e de acôrdo com a realidade pois é precisamente o belo sexo o mais frágil e inconstante em matéria de afeição. Prestavam-se certos aspectos para uma bela devassa sôbre os erros comuns, de ambos os sexos, em função do amor material. Entretanto, a planificação desviou também o nu, aliás sem caráter funcional com aquela seqüência em que êste rumo para, afinal, insistir muito com trechos sensuais, não faltando o banqueiro fixa a jovem banhar-se. Embora com as suas desvirtuações para o ângulo comercial, sempre sobrou tempo para a direção mostrar algumas passagens satíricas ou filosóficas. Porém, a circunstância realmente de relêvo, que aumenta o crédito do filme, é a soberba interpretação de Anna Maria Ferrero, candidata forte ao quadro de honra do mês. Tanto na ingênua quanto na depravada, está simplesmente admirável a intérprete de «Amanhã será outro dia». Michel Auclair sai-se bem apenas nos trechos em que tem de representar selvagerias: está no seu elemento. Contudo, nos instantes de sentimento (segunda versão) mostra o quanto é pobre artìsticamente. Michel Simon tem um curto mas bem defendido papel. Os outros são Valentine Tessier e Ruggero Ruageri. Título de origem: «Les deux verités», França, distribuição Tele Filmes.

CARTAZES 

3 — "A VOLTA DA PERDIDA"

A linha é humorística, irônica e pitoresca, sem contudo atingir a um plano elevado, sob o ponto de vista cinematográfico. A protagonista volta à sua terra natal, a fim de receber uma grande quantia em dinehiro que lhe pertencia. Porém, surpreende-se com a recepção que lhe faz o padre da igreja local e um grupo de meninas, sem pais, que a chamam de Mãe Agostina, e lhe dão mostras de carinho e gratidão. O destino dado ao dinheiro, e a reação dos habitantes da ilha que julgam na jovem as maiores qualidades morais, constituem o centro da trama. Temos o prefeito, o guarda, o farmacêutico, a irmã de Agostina e o marido, os quais se ocupam de pintar o mais negro retrato do pároco e os maiores encômios à pseudo-benfeitora. Quando se lhes apresenta uma situação mais delicada, falam, acusam, mas cruzam os braços. A solução dada à história é quase romântica. Piero Tellini, que escreveu a história, fêz a adaptação. O seu cenário é correto, sem saltos: tem seqüência e unidade. No mesmo plano a direção de Luigi Zampa, talvez um diretor ainda sem a devida oportunidade, melhor película nos parece ainda a primeira aqui vista: «Viver em paz». Recentemente fêz «O drama da linha branca», que imposições comerciais deitaram a perder. No elenco, destacam-se Eduardo de Filippo e Yvonne Sanson. Boa música de Nino Rota. Espetáculo de nível médio. Filme italiano, em exibição no Rivoli.

1 — "O CAPITÃO PIRATA"

«O Capitão Pirata» é um verdadeiro baile de carnaval. Comparecem Jeff Chandler e Scott Brady, fantasiados de piratas; Suzan Ball como uma condessa portuguêsa e Rodolfo Acosta e outros, envergando fardas do exército espanhol e da marinha portuguêsa. Como em todo baile que se presa, não faltam também os índios. Assim, a festa é muito animada e os apreciadores de aventuras «technicoloridas» ficarão deliciados. Há muita ação; lutas submarinas; corpo a corpo com um tubarão; lutas corporais; batalhas navais; câmaras de torturas e uma terrível tempestade que (como sempre) faz romper as cordas que amarram o carregamento do navio, fazendo-o deslizar pelo tombadilho e provocando emoção entre os espectadores. Os espanhóis e portuguêses são os vilões da história; os americanos, os heróis. Scott Brady faz o papel de um imediato que serve de bode espiatório, comprazendo-se em se responsabilizar perante o severo comandante (Jeff Chandler) pelos atos de tôda a tripulação do barco e, ainda, da condessa que força-o a levá-la na viagem. A nota original é dada pelo romance entre a portuguêsa e o americano. Contrariando as perspectivas, a latina não morre, e o beijo final sugere para breve, uma aliança entre Portugal e as colônias norte-americanas. Os principais intérpretes fazem pôse da primeira à última cena. Suzan

Festival M.G.M.: «México de meus amôres», com Pier Angeli rebaixada á insignificante papel.



Ball faz «jeitão» de mulher fatal. Jeff Chandler olha paternalmente o romance, do alto de sua máscula beleza. E Scott Brady é o indivíduo que não falha nunca, seguríssimo em tôdas as suas palavras e em todos os seus gestos. Os demais, mantêm-se discretos. Fotografia e música sem destaque. Título original: «Yankee buccaneer», produção Universal International, exibida na linha do Palácio. (De H. A.).

2 1/2 — "MAIS FORTE QUE A LEI"

É um espetáculo regular, com bons momentos de ação, onde a fotografia de Musuraca foi acrescida de mau colorido. Decorre a película quase que exclusivamente numa prisão, onde a liberdade é a idéia fixa dos presos, que procuram encontrá-la através de uma fuga, onde justamente há o «climax» desta realização. Havia entre os presos um antigo «sheriff», que, por injusta pena, segundo êle, caíra na prisão.

Revista



«Vingança brutal», distribuição da Columbia.

Possui entre seus companheiros um que jurara vingar-se do ex-«sheriff» que, em épocas passadas, fôra o responsável pela sua reclusão. Para animar o espetáculo, Virginia Mayo, sempre mal aproveitada, fazendo-se de assaltante no velho oeste americano. É prêsa e levada para a prisão dos homens. O ex-«sheriff» salva a situação, mata o inimigo e impede a fuga dos presos, recebe o indulto juntamente com Virginia, e provàvelmente casam-se! «Devil's Canyon» apresenta Stephen Mac Nally como vilão, Dale Robertson, que adquire cartaz, aparece como o mocinho e a heroína é vivida por Virginia Mayo. Arthur Hunnicutt está num papel adequado a seu temperamento. «Devil's Canyon», da RKO, estreou no Plaza.

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL M. G. M.

1 1/2 — "MÉXICO DOS MEUS AMÔRES"

É um coquetel num México estilizado. Desenvolvem-se paralelamente três romances. Ricardo Montalban e Pier Angeli; Vittorio Gassman (Castillo) e Yvonne de Carlo (Maria da Estrada do Rio) e um amigo dos dois rapazes que, por obras do Destino, vendendo doces na cidade do México, vem a conhecer uma irmã do famoso toureiro (Cyd Charisse). A parte humorística reside mais no romance entre Pier e Ricardo, com serenatas, correrias, etc. Gassman, mais infeliz, pertence a rica família e está apaixonado por uma «plebéia», Maria da Estrada do Rio. Afetado por terrível moléstia acaba sucumbindo. O terceiro romance, também cheio de obstáculos, está estreitamente ligado a superstições e bruxarias. Tudo se desenvolve a fim de que seja permitido a Cyd Charisse demonstrar suas qualidades de bailarina, numa imprecisa coreografia. Há duas bruxas, que predizem o futuro, e outras coisas: um padre católico do tipo esportivo; a ira dos deuses nativos do México; há, ainda, touradas e um exímio bailarino espanhol. Porém, tôda esta miscelânia foi fracamente conduzida pela direção. Perdura a inconsistência geral, causando espanto como uma organização como a Metro desperdiçou tanto dinheiro (o filme foi rodado em locação, no México) inùtilmente. Escapam ligeiras passagens documentárias. Lamentável como grandes intérpretes como Vittorio Gassman e Pier Angeli foram atirados em um desastre dêsses. Há esfôrço de todos, mas a falta de unidade diretorial é frisante. Título original: «Sombrero», Metro, estreado no Festival da Metro e, por sinal, o mais fraco dos sete lançamentos.

ESTRÉIA NOS BAIRROS

2 — "RUMO AO INFERNO"

Realizado em duas semanas e com pequeno orçamento êste filme apresenta algumas peculiaridades interessantes. A exemplo de «Três é demais», «estrelado» por Gloria Swanson, passa-se quase todo o filme durante uma viagem de trem. Os corredores, as paradas intermediárias, os camarotes e o vagão-restaurante, os cenários principais onde se desenvolve a ação dêste «policial». A trama é simples. Mostra o trabalho desenvolvido pela polícia norte-americana contra o subôrno dos policiais. A descoberta é realizada por uma «secreta» — que se faz passar por viúva de um «gangster» — possuidora de uma lista comprometedora na qual estavam incluídos nomes de diversas personalidades importantes e firmas dos EE. UU. Direção tolerável de Richard Fleisher. No mesmo nível os intérpretes: Marie Windsor, Jacqueline White e Charles Mc Gran. Não se ressente êste filme de ação nem de momentos de «suspense», criados, aliás, com certa habilidade. Prejudica-o, todavia, a desigualdade do ritmo e a falta de interêsse criada em tôrno da tal lista, cujo conteúdo é enigmático durante a maior parte do filme. Enfim, um filme de linha, modesto, mas que serve, eventualmente, de passa-tempo. Realização da RKO, estreada no Pax e no Colonial.

Festival M.G.M.: «Rainha do mar», com Esther Williams.



REGISTROS

«VINGANÇA BRUTAL» (**«La Bestia Magnifica»**) — Assunto com transcurso nos «rinks» de luta-livre. Miroslava é o ponto de interêsse e os negativos são Crox Alvarado, José Elias Moreno e Wolf Ruvinskis. Direção de Chano Urueta.

«VIDA TENEBROSA» (**«My True Story», Columbia**) — Filme de linha, marcando a estréia de Mickey Rooney como diretor. Helen Wacker, Willard Parker, Emory Parnell e Elizabeth Risdon são as figuras principais. Estreado no Pax.

LANÇAMENTOS DE SÃO PAULO

DE 15 A 21 DE MARÇO

JÁ EXIBIDOS NO RIO

4 — «PARIS É SEMPRE PARIS» (**«Parigi e sempre Parigi»**) — Art, com Aldo Fabrizzi e Lucia Bosé, direção de Luciano Emmer. (No Ópera).

1 — «RAINHA DOS RENEGADOS» (**«Redhead from Wyoming»**) — Universal, com Maureen O'Hara e Alex Nicol, direção de Lee Scholem. Em «technicolor». (Marabá).

2 1/2 — «DO OUTRO LADO DA RUA» (**«Just across the street»**) — Universal, com Ann Sheridan e John Lund, direção de Joseph Pevney. (Ritz São João).

INÉDITOS

3 — «MELBA» (**«Melba»**) — Em «technicolor», direção de Lewis Milestone, com Patrice Munsel e Robert Morley. United Artists. (Cartaz do Marrocos). Crítica nas «80 Pré-Estréias», pois foi exibido no «Festival».

2 — «ÚLTIMA CHANCE» — (Exibido no «Festival» sob o título «Segunda chance»). RKO, em «technicolor», com Linda Darnell e Robert Mitchum. Direção de Rudolph Maté. Filmado originàriamente em terceira dimensão. Cópia em exibição, coum. (No Art Palácio).

2 1/2 — «ACAPULCO» — Filme mexicano, direção de Emilio Fernandez, com Elza Aguirre e Armando Calvo. Apresentação da Pelmex. (No Broadway).

NO RIO E SÃO PAULO

3 1/2 — «JÚLIO CÉSAR» (**«Julius Caesar»**) — Metro, direção de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, James Mason e Greer Garson. (Exibido no Festival Internacional e no Festival comemorativo da Metro). Criticado no número anterior.

EM REPRISE

«MÚSICA MAESTRO» (**«Make mine music»**) — Desenho da atual fase decrescente de Walt Disney. Doublagem em português. (No Bandeirantes).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» — (em 9ª semana).
«A ÚLTIMA FELICIDADE» — (em 3ª semana).
«CORAÇÃO INDÔMITO» — (em 2ª semana).

Rádio

por EDEL NEY



Carmem Déa

Hoje, vamos focalizar, em nossa breve reportagem, uma "estrelinha" que é a ternura personificada, e que enleva Deus e o mundo com sua voz romântica. Trata-se de Carmem Déa, cuja beleza é um misto de fantazia espanhola com a graça e suavidade da mulher-sonho de nossa terra".

Carmem Déa, embora nova no rádio, já tem uma trajetória artística brilhante, que vem em escala ascendente, apesar dos obstáculos inúmeros, que tem encontrado. Esforçosa, sabendo renunciar e lutar, breve verá seus sonhos se tornarem realidade, pois Carmem traz no sangue a vontade de se tornar artista, e grande. Começou como uma das integrantes do famoso conjunto vocal feminino "As três Marias", e, só recentemente, instada por diretores, fãs e amigos, passou a se apresentar como solista, obtendo, desde a sua estréia, o mais completo êxito. Imediatamente, despertou a atenção do vivo Walter Silva, diretor artístico dos disco Mocambo, que a contratou. Seu primeiro disco, contendo dois bonitos samba-canções, ("Só resta a esperança" e "Não importa") ótima vendagem.

Carmem Déa participou do recente concurso para a escolha da Rainha do Rádio de 1954, e, mercê de sua já extraordinária popularidade, alcançou o quinto pôsto. O total dos votos conseguido pela nova estrêla das Associadas assombrou a todos os cronistas especializados.

Antes do carnaval, Carminha estêve em sua cidade natal, Vitória, onde colheu significativos triunfos. No momento, prepara-se para viajar com destino a São Paulo, onde se demorará cêrca de um mês, exibindo-se numa Emissora e "Boite" banderantes.

Seu mais recente disco Mocambo apresenta, numa face, o bonito samba-canção "Mãos vazias", da jornalista Jeanette Adib, considerado, por quantos o têm ouvido, um dos fortes números do repertório novo da bonita estrelinha.

Já foi escolhida por sua gravadora, a fim de ser uma das intérpretes de um novo "long play" que será lançado dentro em breve.

Como demonstramos, Carmem Déa caminha a passos rápidos para o "estrelato" e, dentro de muito pouco tempo, será uma das nossas cantoras mais expressivas.

DISCOS—NOVIDADES

Adelina Garcia, «a voz ardente do México», acaba de renovar o seu contrato com a Odeon, por mais dois anos. Entre as inúmeras gravações a serem lançadas, brevemente, pela fábrica de Felisberto Martins, dessa cantora, destaca-se o sucesso «Vaya con Dios», um dos êxitos internacionais do momento. Também a bela melodia «Que será?», está incluída no novo repertório de Adelina Garcia, ou melhor, Adelina Dolores Garcia, seu verdadeiro nome.

Apesar do seu nome, (Adelina é filha de mexicanos e criou-se naquele país) essa intérprete, famosa mundialmente, é natural dos Estados Unidos.

Iniciou sua carreira com apenas 14 anos, estreando numa das principais emissoras mexicanas. E, daí para cá, vem alcançando os maiores triunfos em todo o mundo.

* * *

Notícia sobremodo alviçareira para a infância é a de que a linda valsa «Ai, Lili», do filme da Metro (e que tanto êxito tem alcançado entre nós) foi regravada em discos Carroussel, numa adaptação especial. Na outra face, foi lecada à cêra, a conhecida modinha folclórica «Sapo cururu».

* * *

Aguarda-se, por todo esse mês, o lançamento dos novos l.p. Regente, cujas capas estão excelentes.

* * *

A Mocambo, a etiquêta nortista, aparecerá forte no mercado. Para início, aí está a grande estrêla Eladyr Pôrto, que está obtendo os maiores sucessos de sua carreira discográfica, com o seu disco de estréia na fábrica dos Irmãos Rozenblit. Tanto a versão do fox «Johnny», como a do tango «Noche de Reys» estão nas «Pardas de sucessos».

* * *

Em arranjos especiais de Ubaldo de Abreu, a interessante Bandinha do Irio apresenta-se em novo disco Copacabana, com o dobrado «Padre Anchieta», de Antônio Bruno, e a «Valsa do trapézio», do mesmo Ubaldo de Abreu.

* * *

Josué Borges de Barros é o mais recente contratado exclusivo da Copacabana. Solista de méritos inegáveis, não resta dúvida de que será um dos futuros campeões dessa gravadora. Acompanhado de Orquestra, Josué sola no seu violão elétrico, no seu disco de estréia, a marcha «Paulistinha» e o «Cateretê Imperial», ambos de sua autoria.

Adelina Garcia



TEATRO E MÚSICA

POR OSWALDO DE OLIVEIRA




Cacilda Becker ao natural e em sua criação máxima: «Pega Fogo».

Finalmente, se estão movimentando os nossos teatros. No Teatro Carlos Gomes, com "Os Artistas Unidos", liderados por Morineau e seu grande elenco, temos "Também os Deuses amam". Reapareceu, também, "Eva e os seus artistas", com "Rainha do Ferro velho". Trata-se da famosa peça americana, já filmada "Born Yesterday", de autoria de Garson Kanin. Alda Garrido voltou a apresentar, no Teatro Rival, "Dona Xepa", o grande êxito de Pedro Bloch, no seu 2.º ano de representações, em tôda a parte do Brasil. No Teatro Dulcina, "Os inocentes", em seu merecido 3.º mês de representações, com Dulcina, Odilon, Maria Sampaio, Conchita Morais, etc. No teatro brejeiro temos, no Glória, "Brotos em 3-d", com Colé e Nélia Paula, revista de César Ladeira e Haroldo Barbosa; No Teatrinho Jardel, Siwa e seu elenco, na revista de Milton Amaral e Francisco Moreno: "Mulheres a Bangu"; no "Follies", Zilco Ribeiro apresenta "Doll Face", com Sílvia Fernanda, Consuelo Leandro, Pituca e outros. No "Night and Day", "Carrossel Paulista", produção musicada de J. Maia e Max Nunes.

TEMPORADA DE FRIEDRICH GULDA

Promovida pela Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, se está realizando uma temporada do grande pianista Gulda, um dos expoentes da atualidade. A temporada compreende 8 recitais de piano e dois concertos de piano e orquestra. A série, entre outros números, compreende o "ciclo" integral de sonatas e concertos para piano de Beethoven. Por sua vez, a temporada Nacional de Arte já foi também iniciada, com a Orquestra do Teatro Municipal em dois concertos sinfônicos, tendo sido o primeiro regido por Lionello Forzanti e tendo como solista Anna Stella Schic. Por outro lado, o "ciclo" Mozart, da Orquestra Sinfônica Brasileira, será outra das atrações para êste começo de temporada musical no Rio.

Friedrich Gulda



AERTON PERLINGEIRO RENOVA O AUDITÓRIO RADIOFÔNICO



Aerton Perlingeiro

Foi na extinta Rádio Clube do Brasil que Aerton Perlingeiro lançou seu programa "Fim de Semana". Embora tenha sido lançado no mesmo horário do programa de César de Alencar, foi um programa vitorioso desde o início. O seu auditório estava sempre superlotado e muitos ouvintes voltavam sem ter conseguido entrar, pois a lotação não comportava mais ninguém. Depois, Aerton mudou de estação e foi para a Tupi. Lá foi encarregado da animação da Sequência G-3. Pegou o programa quase moribundo e conseguiu, aos poucos, reerguê-lo, conquistando, palmo a palmo, a simpatia do público de auditório e do ouvinte de casa. E aconteceu o que ninguém esperava: um programa que parecia destinado à desaparecer ai está novamente vibrante e chamando para o auditório da Tupi a atenção dos fãs e ouvintes.

A VOLTA DE "FIM DE SEMANA — Mas, o grande sonho de Aerton Perlingeiro era fazer voltar ao ar o seu querido programa "Fim de Semana". E ante o sucesso alcançado pela sua atuação a frente da Sequência G-3, a direção da Tupi, concordou em que Aerton apresentasse, depois do Carnaval, todos os sábados das 11,30 às 13,30 o seu "Fim de Semana".

E um dia dêstes Aerton Perlingeiro, um dos mais credenciados animadores do rádio brasileiro, anunciou cheio de entusiasmo, que "Fim de Semana" voltaria aos seus dias de glória.

(Cont. na pág. 34)

UM LIVRO PARA CADA GÔSTO!



VENDAS:
VIDE ABAIXO, À DIREITA AO LADO DO TALÃO.

40 ROMANCES FAMOSOS
Cr$ 10,00 cada ou todos os 40 por 350,00

179 – Sienkiewicz – QUO VADIS
181 – O RETRATO DE DORIAN GRAY
184 – O ASSASSINATO DA RUA MORGUE
195 – Flaubert - MADAME BOVARY
207 – Dostoiewski - CRIME E CASTIGO
245 – Dostoiewski – O JOGADOR
218 – Tolstoi – ANA KARENINA
222 – José de Alencar – IRACEMA
224 – Alencar – UBIRAJARA
225 – José de Alencar – DIVA
226 – Alencar – A VIUVINHA
238 – Alencar – A PATA DA GAZELA
241 – José de Alencar – SENHORA
256 – Alencar – O TRONCO DO IPÊ
300 – Alencar – O GUARANI
208 – Emile Zola – A TABERNA
216 - Theophile Gautier - MLLE. DE MAUPIN
269 – Zola – TERESA RAQUIN
210 – V. Hugo – O HOMEM QUE RI
223 – Dumas – O CONDE DE MONTE CRISTO
262 - Alfred de Musset - AS DUAS AMANTES
227 – J. M. Macedo – A MORENINHA
228 – J. M. Macedo – O MOÇO LOIRO
243 – Macedo – AMÔRES DE UM MÉDICO
273 – J. M. Macedo – PAIXÃO ROMÂNTICA
274 – J. M. Macedo – A NAMORADEIRA
229 – Dumas – A DAMA DAS CAMÉLIAS
248 – ROMANCE DE UM MOÇO POBRE
249 – Ohnet – O GRANDE INDUSTRIAL
290 - Afonso Daudet - SAPHO
252 – Stevenson – A ILHA DO TESOURO
254 – S. Pierre – PAULO E VIRGÍNIA
255 – Charlotte Bronte – JANE EYRE
180 - Emile Zola - NANÁ
265 – Austen – ORGULHO E PRECONCEITO
261 - Emile Zola - GERMINAL
215 - Emile Zola - A BESTA HUMANA
285 – Spielhagen – A VIÚVA ALEGRE
289 – Warin – ROMEU E JULIETA
293 – Lamartine – GRAZIELA

30 LIVROS PRÁTICOS
a Cr$ 15,00 cada ou todos os 30 por Cr$ 400,00

13 – COMO LER OS PENSAMENTOS
14 – COMO LER AS MÃOS
26 – ERROS DE PORTUGUÊS
64 - GRAFOLOGIA PRÁTICA
28 – SELEÇÕES DE RUI BARBOSA
36 – MANUAL DO MOTORISTA
51 – REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS
53 – DICIONÁRIO DE RIMAS
61 – ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL
69 – TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS
96 – DATILOGRAFIA SEM MESTRE
129 – JIU-JITSU SEM MESTRE
135 – NATAÇÃO SEM MESTRE
141 – APRENDA A DIRIGIR SOZINHO
146 – RÁDIO PARA PRICIPIANTES
149 – REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL
153 – FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO
156 – ASSIM SE EMAGRECE COMENDO
158 – APRENDA A FAZER MÁGICAS
159 – APRENDA A VIVER
165 – DECLARAÇÕES DE AMOR
168 – A ORTOGRAFIA CORRETA
169 – ANEDOTAS MODERNAS
186 – VOCÊ SABE CONVERSAR?
187 – GUIA DE MASSAGENS
190 – REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL
192 – 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS
193 – DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS
199 – HOMEOPATIA PARA TODOS
209 – É FÁCIL GANHAR DINHEIRO
212 – LEVANTAMENTO DE PÊSO
237 – GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL

SEXUAIS

87 – Para Limitar os Filhos	20,00
67 – Estimulantes Sexuais	15,00
5 – Guia Íntimo da Sexualidade	15,00
4 – Costumes Sexuais Estranhos	15,00
6 – Vigor Sexual	20,00
164 – Testes de Masculinidade e Feminilidade	15,00
18 – Como Evitar a Solidão Amorosa	15,00
95 – Anormalidades Sexuais	20,00
125 – Práticas Sexuais no Matrimônio	20,00
127 – Hábitos Sexuais do Homem	20,00
3 – Felicidade Sexual no Casamento	15,00
145 – Vença a Timidez Sexual	20,00
7 – Dicionário Moderno do Sexo e Amor	15,00
66 – Problemas Sexuais dos Solteiros	15,00
91 – Estudos Sôbre o Amor e o Sexo	15,00
92 – Conquista Amorosa e Sexual	15,00
166 – A Educação Sexual dos Filhos	20,00
174 – Manual da Vida Sexual	20,00
160 – Enfermidades Sexuais	20,00
191 – A Cura da Impotência Sexual	20,00

MOULIN ROUGE

131 - SENSUALIDADE - 1.º volume	20,00
132 - SENSUALIDADE - 2.º volume	20,00
133 - SENSUALIDADE - 3.º volume	20,00
134 - SENSUALIDADE - 4.º volume	20,00
172 - TEORIA E PRÁTICA DO EXISTENCIALISMO	15,00
206 - AS AMANTES DO IMPERADOR	10,00
178 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 1.º volume	15,00
217 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 2.º volume	15,00
148 - OS ENCANTOS DA MULHER NUA (Poesias)	15,00
140 - Júlio Ribeiro - A CARNE	25,00
93 - A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO	15,00
65 - Emile Zola - O BANHO	15,00
124 - PARA CONQUISTAR AS MULHERES	20,00
136 - PARA CONQUISTAR OS HOMENS	20,00



INSTRUINDO com PALAVRAS CRUZADAS DIVERTINDO com PASSATEMPOS, FIGURAS PARA COLORIR e QUADRINHAS.
Capa à côres e inteiramente ilustrado.



Volumes da mesma série: cr$10,00 cada.
157 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 1
279 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 2
100 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 4
106 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 5
109 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 6
111 - Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 7









INTERIOR
Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, enviando o seu pedido pelo talão abaixo para o Rio de Janeiro.









VENDAS
RIO:
Rua do Ouvidor, 150
Avenida Rio Branco, 25
SÃO PAULO:
R. Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE:
Rua da Bahia, 884
E nas "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" de todo o Brasil.

Editôra GERTUM CARNEIRO
AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. — RIO
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO
(Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%.

NOME . . . .
RUA . . . .
LOCALIDADE . . . .
ESTADO . . . .









PÁGINA DO Leitor



O cinema brasileiro continua sendo alvo de comentários dos leitores. Hoje, «O cangaceiro», cujo principal trio se vê acima, «O canto do mar» e outros.

PROGNÓSTICOS PARA 1954

A meu ver, as «estrêlas» que mais se destacarão no ano de 1954, são as seguintes que relacionarei abaixo, cada uma credenciada com pelo menos três filmes inéditos entre nós:

Susan Hayward —

«O Feitiço Branco» (White witch doctor), com Robert Mitchum.

«O destino me persegue» (The President's Lady), com Charlton Heston.

«Os Gladiadores» (Demetrius and the Gladiators), com Victor Mature.

«O jardim do mal» (Garden of Evil), com Gary Cooper e Richard Widmark.

Pier Angeli

«México dos meus amôres» (Sombrero), com Ricardo Montalban.

«A história de três amôres» (The story of three loves), com Kirk Douglas.

«Paixão e carne» (The flame and the flesh), com Lana Turner e Carlos Tompson.

«Mam'zelle Nitouche», com Fernandel.

Jean Simmons

«O manto sagrado» (The Robe, em Cinemascope), com Richard Burton.

«A rainha virgem» (Young Bess), com Stewart Granger e Deborah Keer.

«A atriz» (The actress), com Spencer Tracy e Tereza Wright.

«She had to say yes» (ainda sem título em português), com Bob Mitchum.

Barbara Stanwick —

«Náufragos do Titanic» (Titanic), com Clifton Webb e Robert Wagner.

«Sangue da terra» (Blowing Will), com Gary Cooper e Anthony Quinn.

«Desejo atroz» (All I Desire), com Richard Carlson e Lori Nelson.

«No reinado das sombras» (The Moonlighter), com Fred

Marilyn Monroe —

Marily Monroe —

«Os homens preferem as louras» (Gentlemen Prefer Blondes), com Jane Russel.

«Como agarrar um milionário», em Cinemascope, com Betty Grable e Lauren Baccal.

«River of no Return», com Roberto Mitchum e Rory Calhoun.

Caio Sérgio Hamilton (Santos)

A ARTE NÃO MAIS IMITA A VIDA

Cinema: que é cinema? Por um lado, é essa quase obrigatória diversão, mas estandardizada. Na opinião resquicia do espectador nada mais será que uma vitória a mais no campo atribulado da ciência. Um mero divertimento, onde o grande público paga o ingresso em compensação a duas horas de espetáculo e que nem sempre compensa. Pode ser a análise esterior do motivo. Dá-nos exatamente essa idéia, um filme projetado a trinta metros por minuto e irrita fàcilmente quem o vê. Uma tomada desprovida à inteligente visão do encenador será completo fracasso; uma encrustação de diálogos que desvirtue o paralelo filmico, penderá na certa à comicidade. O cinema, como a maioria das artes vive em primeiro plano da completa uniformidade de estilo. Depende de equipe, já no momento da adaptação ao roteiro, que seguirão à risca os elementos de composição. E', antes de tudo, uma gigantesca engrenagem que exige uma enquadrada movimentação. Já dizia (Mélies) nos aurios do cinema mudo, (amigos, fazer cinema é fácil, difícil é fazer-nos entendido), os primórdios da técnica já vislumbraram como se vê, a necessidade fremente em unificar a história e clima adequado a transplificação. Infelizmente, êsse pecado tem vicejado resistindo tôda uma geração e, em particular, no Brasil onde jamais existiu vanguarda.

O experimentado Cavalcânti que, a par de indiscutível cultura filmica, alia-se um talento vernáculo burilado, na fonte direta da cinematografia, não pôde fugir ao vácuo displicente do alegórico imitador. Com algumas produções entre nós, não resistiu à tentação em procurar incutir-nos o mórbido estilo europeu. Infelizmente, êsse homem que tanto poderia fazer pelo cinema pátrio, está pràticamente banido do culto popular, graças a teimosia persistente, uma rotina já por demais trilhada.

Por estranho que pareça, hoje, a arte não mais imita a vida. A vida é quem procura imitá-la. Basta para comprovar-mos êsse dito, um rápido exame aos periódicos. Dezenas de crônicas policiais alarmam a sociedade, chocando os costumes num abalo ao puritanismo barato. Só aí sentimos "in-loco" o histérico gemido da prole, cúmplice, às vêzes, quase direta pelas metamorfoses sociais.

Sabemos, que nos países onde o cinema é nacionalizado, um roteiro é devidamente submetido a testes de aprovação. Julgam-no elementos credenciados nos meios de origem, se é, ou não de interêsse público. Analisando ainda o patrimônio estatal, não se poderia conceber nunca uma película de princípios ofensivos à nação. Ao que configura, o Brasil parece assistir a um prazer sádico em só oferecer ao mundo tudo o que nos possa diminuir. Com referência ao que já exibimos, o "O Cangaceiro", por exemplo, apresentou um Brasil magro e covarde. Até quando senhores, perdurará esta situação?

R.R. Quevedo (Pôrto Alegre)

«ALBERTO CAVALCÂNTI E O CANTO DO MAR»

Quando falamos de Alberto Cavalcânti, falamos do próprio cinema nacional, em uma de suas fases mais significativas, para a sua consolidação como indústria.

Não quero dizer com isto, que não tivemos anteriormente filmes que merecessem a nossa atenção. Muito ouço falar, de películas tais como: "Limite", "Ganga Bruta", "Barro Humano", etc., mas que até hoje não tive oportunidade de ver, e que dizem ser o expoente da cinematografia Brasileira. Contudo, a falta de constância na produção de outras fitas, colocou-nos em um estado letárgico e que alguns teimavam em viver da glória do passado. Mas a arte não deve estacionar. Ela vive de renovação.

(Continua na pág. 34)

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Hà cinqüenta anos
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

DE TODO O MUNDO

(Cont. da pág. 5)

Errol Flynn procura levantar um empréstimo de 40 milhões de dólares, a fim de terminar seu filme "Guilherme Tell", cujas filmagens foram interrompidas por terem os credores do ator confiscado o celulóide já registrado. Errol Flynn está se empobrecendo com as pensões que deve pagar às ex-esposas, a esta altura em número de três...

HOLLYWOOD

Zsa Zsa Gabor, habitualmente tão eloquente, perdeu a fala quando George Sanders entrou com uma petição de divórcio...

Sheree North, que fez sensação na Brodaway em uma comédia "Hazel Flagg", fará sua estréia cinematográfica em "Living it up" com Jerry Lewis.

O estúdio da Fox projeta reunir os "astros" inglêses Jean Simmons e Richard Burton, pela segunda vez depois do sucesso de "O manto sagrado", em uma película que se intitulará "Desiree". Enquanto Vanessa Brown foi contratada para estrelar "The bridé wore pajamas" em Cinema Scope

ALBERTO CAVALCÂNTI...

(Cont. da pág. 33)

Assim sendo, outros mais esclarecidos fizeram vir da Inglaterra, onde prestava sua colaboração aos estúdios, Alberto Cavalcânti, que reavivou e impulsionou a realização de algumas produções básicas, nessa segunda fase do cinema nacional.

"Caiçara" foi o marco inicial. Tem seus defeitos, mas suas boas qualidades são maiores, razão pela qual alcançou grande sucesso.

"Terra é sempre terra", embora de nível artistico inferior, não desmereceu a nossa simpatia, pois estava repleta de coisas nossas, bem brasileiras, cuja história se desenrola em uma fazenda de café.

Em "Simão, o caolho", Cavalcânti veio provar a sua capacidade de cineasta experiente, na difícil arte de dirigir, brindando-nos com homogêneo filme, em relação às interpretações, conseguindo destacadas atuações de Mesquitinha e Raquel Martins.

Sòmente agora, tivemos oportunidade de presenciar outro filme produzido e dirigido por êle: "O Canto do Mar".

Cavalcânti poderia contentar-se em apresentar-nos uma fita bem feita, com um motivo por si só, já muito cinematográfico: a luta do homem nordestino pela sobrevivência.

Preferiu suplantar a história, oferecendo-nos um documentário dessa luta inglória.

Com uma magnifica fotografia de Cirill Arapoff, vemos desfilar ante nossos olhos, com tôda magnitude, a tradição e o folclore da região norte do Brasil. Até o linguajar próprio do povo, Cavalcânti fêz questão de conservar, para maior autenticidade. Dentre as interpretações, Margarida Cardoso como "Maria", está insuplantável. Cacilda Lanuzza, Rui Saraiva e Aurora Duarte, muito bons, constituem mais um fator de sucesso. A música de Guerra Peixe, inspirada no folclore nordestino, muito funcional, dá ao seu autor o ensejo de receber os nossos elogios. Cavalcânti, com o "Canto do Mar", ratifica o seu prestígio e acrescenta ao cinema nacional, mais uma película de valor internacional.

Luiz Bonifácio (Belo Horizonte)

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde de Maranguape, 15 - Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS
FUNDADO 1926



QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.



Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

AERTON PERLINGEIRO RENOVA...

(Cont. da pág. 31)

Os ouvintes naturalmente, desejam saber mais, conhecer maiores detalhes dos rumos do programa que deu ao contrato da Tupi um lugar entre os cinco melhores animadores do Brasil. E foi o próprio Aerton, que nos ofereceu todos os pormenores do lançamento, falando nos diversos quadros que comporão o programa. Entre utros citou: "Termômetro Musical do Cacique", "Clube do Disco", "Conversa para dona de casa", "A procura de Cinderela", "Ninguém perde", "Em que bairro está o dinheiro?", "More de graça", "Aqui manda a estrêla" e finalmente o arrojado "show" "E o Rio se diverte", com um espetáculo teatral de uma hora de duração, desfilando as maiores atrações nacionais e internacionais, os cantores e cantoras da Tupi, os grandes nomes do teatro de revista, as lindas vedetes de nossas buates e um belo grupo de "girls" para animar o espetáculo e encher os olhos dos espectadores. Como se vê, Aerton não pára, está sempre renovando seus programas. E' realmente um animador e seus espetáculos que são por êle mesmo idealizados e apresentados estão satisfazendo ao auditório.

AGUARDEM OS SENSACIONAIS CONCURSOS DE A CENA



Kathleen Hughes, da Universal

JOAN CRAWFORD

Leiam, no próximo número, palpitante reportagem de 4 páginas, na série: «Os Grandes Vultos»

AGUARDEM, NO PRÓXIMO NÚMERO:

«Pin-ups» de Paris!

Gregory Peck já foi apregoador de circo

Diretamente de Hollywood: reportagem com Mary Blanchard

O cinema e a dança

E muitas outras reportagens